



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
CAMPUS VALE DO RIO MADEIRA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E HUMANIDADES



**DESAFIOS APONTADOS POR DOCENTES PARA O ENSINO DE DISCENTES
COM TEA INCLUÍDOS EM ESCOLAS DE HUMAITÁ-AM**

Humaitá – AM

2025

MARIA DE FÁTIMA CRUZ DE MENDONÇA

**DESAFIOS APONTADOS POR DOCENTES PARA O ENSINO DE DISCENTES
COM TEA INCLUÍDOS EM ESCOLAS DE HUMAITÁ-AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades (PPGECH), do Instituto de Educação Agricultura e Ambiente pela Universidade Federal do Amazonas (IEAA/UFAM), para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Humanidades, sob orientação da Profa. Dra. Jusiany Pereira da Cunha dos Santos.

Linha de pesquisa: Perspectivas teórico-metodológicas para o ensino de ciências humanas.

Humaitá – AM

2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M539d Mendonça, Maria de Fátima Cruz de
 Desafios apontados por docentes para o ensino de discentes com
 TEA incluídos em escolas de Humaitá/AM / Maria de Fátima Cruz
 de Mendonça. - 2025.
 97 f. : il., color. ; 31 cm.

 Orientador(a): Jusiany Pereira Da Cunha Dos Santos.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas,
 Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e
 Humanidades, Humaita, 2025.

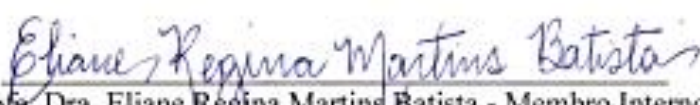
 1. Inclusão. 2. Docentes. 3. Estudantes com TEA. 4. Práticas de
 Inclusão. I. Santos, Jusiany Pereira Da Cunha Dos . II.
 Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação
 em Ensino de Ciências e Humanidades. III. Título

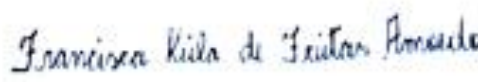
MARIA DE FÁTIMA CRUZ DE MENDONÇA

**DESAFIOS APONTADOS POR DOCENTES PARA O ENSINO DE
DISCENTES COM TEA INCLUÍDOS EM ESCOLAS DE HUMAITÁ-AM**

Dissertação defendida em 07 de março de 2025 e aprovada pela banca examinadora
constituída pelos Membros:


Profa. Dra. Jusiany Pereira Da Cunha dos Santos – Orientadora
Universidade Federal do Amazonas – UFAM


Profa. Dra. Eliane Regina Martins Batista - Membro Interno
Universidade Federal do Amazonas – UFAM


Profa. Dra. Francisca Keila de Freitas Amoedo - Membro Externo
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

DEDICATÓRIA

A Deus e Nossa Senhora, pois estiveram todo momento em mim, me fortalecendo e me guiando.

À minha mãe, **Margarida**, pelo amor, carinho, orações e incentivo em todos os momentos.

Ao meu pai, **José**, que sempre me orientou a caminhar e lutar para conseguir meus objetivos.

Ao meu esposo, **Manuel**, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos bons e nas horas difíceis em que eu não podia lhe dar a atenção que merecia.

Aos meus **irmãos**, que me deram apoio e incentivo

Ao meu filho **Paulo Giovanny**, a quem agradeço a Deus todos os dias pela joia rara que o Senhor me emprestou como filho, responsável pelas mais valiosas aprendizagens no decorrer de minha vida como mãe de um autista. Por essa razão, esse tema me motivou a pesquisar sobre os desafios que os mesmos enfrentam diariamente em todos os contextos: cultural, social e econômico, com o intuito de fazer com que a sociedade conheça, compreenda, respeite e aprenda a conviver com as pessoas com deficiência e, dessa forma, os seus direitos estarão garantidos.

Aos **amigos** fiéis, ainda que poucos, o suficiente, aqueles verdadeiros e amáveis.

Somos todos autistas, a gradação está nos rótulos

Por Scheilla Abbud Vieira, 2007.

*Quando eu me recuso a ter um autista em minha classe,
em minha escola, alegando não estar preparada para isso,
estou sendo resistente à mudança de rotina.*

*Quando digo ao meu aluno que responda a minha pergunta
como quero e no tempo que determino,
estou sendo agressiva.*

*Quando espero que outra pessoa de minha equipe de trabalho
faça uma tarefa que pode ser feita por mim,
estou usando-a como ferramenta.*

*Quando, numa conversa, me desligo, “viajo”,
estou olhando em foco desviante,
estou tendo audição seletiva.*

*Quando preciso desenvolver qualquer atividade
da qual não sei exatamente o que esperam ou como fazer,
posso me mostrar inquieta, ansiosa e até hiperativa.*

*Quando fico sacudindo meu pé, enrolando meu cabelo com o dedo,
mordendo a caneta ou coisa parecida,
estou tendo movimentos estereotipados.*

*Quando me recuso a participar de eventos,
a dividir minhas experiências, a compartilhar conhecimentos,
estou tendo atitudes isoladas e distantes.*

*Quando, nos momentos de raiva e frustração, soco o travesseiro,
jogo objetos na parede ou quebro meus bibelôs,
estou sendo agressiva e destrutiva.*

*Quando atravesso a rua fora da faixa de pedestre,
me excedo em comidas e bebidas, corro atrás de ladrões,
estou demonstrando não ter medo de perigos reais.*

*Quando evito abraçar conhecidos,
apertar a mão de desconhecido, acariciar pessoas queridas,
estou tendo comportamento indiferente.*

*Quando dirijo com os vidros fechados e canto alto,
exibo meus tiques nervosos, rio ao ver alguém cair,
estou tendo risos e movimentos não apropriados.*

Somos todos autistas. Uns mais; outros menos.

*O que difere é que, em uns (os não rotulados),
sobram malícia, jogo de cintura, hipocrisias e, em outros (os rotulados),
sobram autenticidade, ingenuidade e vontade de permanecer assim.*

AGRADECIMENTOS

A caminhada não foi fácil, mas foi gratificante, houve momentos de aflições, conturbações, mas, como o meu Deus é o maior e mais poderoso, Ele esteve comigo sempre, seja como um abraço, um sorriso, uma lembrança boa, o vento me acalmando, isto é, em momentos em que estive pedindo socorro, não em voz, mas no olhar. E seguir com o meu carinho e agradecimentos.

A Deus e Nossa Senhora de Aparecida, a quem consagrei o meu Mestrado, onde estão minha força e minha fortaleza, sempre me acalmaram em momentos de oração.

Ao meu filho Paulo, mesmo estando viajando pelos planetas ao redor da Terra, sempre esteve comigo, principalmente nos momentos de aflições, quando me dizia assim: *“Fátima, o que você tem, por que você está estressada?”* e eu pedia para ele me deixar fazer meu trabalho. No fundo, ele estava preocupado comigo, no entanto, só não sabia como se expressar, mal sabendo que ele foi a minha maior e melhor motivação.

Ao meu esposo Manuel de Carvalho Parente, que sempre esteve comigo em todos os momentos da minha vida, nos dias de alegria, tristezas, desânimo, comemorações, mesmo quando não era possível estarmos todos reunidos, minha eterna gratidão a você, meu querido.

À minha família, que sempre se dispôs a me apoiar e incentivar em todos os meus objetivos e minhas conquistas, principalmente pelas orações da minha amada mãe, que jamais deixou de pedir a Deus e Nossa Senhora pelos seus filhos, pelo meu pai que na sua fala, disse: *“Eu tenho uma filha que faz mestrado”*, afirmando que é um orgulho pra ele, pois meu pai não teve a oportunidade de fazer uma faculdade, enquanto que minha mãe estudou o antigo Mobral, mesmo não sabendo escrever direito e ler com dificuldades, foi nossa alfabetizadora, professora, psicóloga e até hoje, mulher resiliente, digna de moral, caráter e temente a Deus e Nossa Senhora.

Aos meus irmãos, que me ajudaram com seu apoio, motivação, incentivo, contribuindo para o meu crescimento acadêmico.

À minha orientadora, Dra. Jusiany Pereira da Cunha dos Santos, uma pessoa maravilhosa, que me incentivou a continuar, por compreender de certa

forma meus momentos de angústia, dias e momentos de desertos na fase da escrita, por me ouvir tantas vezes, por me indicar saídas quando tive dificuldade de encontrar o caminho, e por diversas vezes me dizer: *“te acalme, você consegue, no final verás que as peças se encaixam e tudo dará certo!”* isso é muito digno da pessoa dela.

Às professoras que aceitaram gentilmente participar desta banca, Dra. Sônia Carla Gravena Cândido da Silva, Dra. Eliane Regina Martins Batista, Dra. Marlene Schussler D’Aroz e Dra. Francisca Keila de Freitas Amoedo, meus sinceros agradecimentos por todas as recomendações feitas para aperfeiçoar este trabalho, certamente são valiosas e imprescindíveis para a sua reorganização e concretização desta pesquisa.

Aos professores do PPGECH, que são profissionais de excelência e que contribuem para o êxito do programa na Região Amazônica.

Aos mestrandos da turma de 2023, turma essa que tive o privilégio de conhecer, certamente lembraremos por muito tempo dos perrengues e conquistas desse processo de intensos estudos e aprendizados para concluir o Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades em Humaitá/AM.

À minha sobrinha, Nelisa Parente, que, desde os primeiros dias de aulas no Mestrado, não deixou de me ajudar tantas vezes que solicitei, quer seja com os seus conhecimentos de informática, ou até me auxiliando em todos os momentos que eu tinha dificuldades em compreender certos comandos, você é um ser maravilhoso que o papai do céu colocou no meu caminho para eu chamar de amiga e sobrinha maravilhosa.

Não posso me esquecer da Professora Dra. Eliane Regina Martins Batista, pessoa que tenho um respeito imensurável, dotada de resiliência e empatia que, por muitas vezes, deixou os seus momentos de descanso e lazer para ajudar a todos que precisassem dos seus préstimos, sempre muito prestativa, uma mãe maravilhosa, uma mulher guerreira, que sempre batalhou pelos seus objetivos e nunca permitiu que os obstáculos a impedissem de concretizar os seus anseios, pois Deus nunca abandona os seus, a você Professora, humaitaense de fibra e coragem, a minha eterna gratidão por você ser essa joia rara que Jesus e Maria colocaram em meu caminho, que a nossa

amizade continue sendo verdadeira, já que começou muito antes da graduação e que perdure até os nossos últimos dias, sempre na graça de Deus.

Aos meus amigos, que me ajudaram bastante, pois eles foram essenciais na minha vida.

A Secretária Municipal de Educação Arnaldina do Socorro das Chagas e á Gerente de Educação Especial Maria Angela Bitencourt Gomes de Sá por terem me apoiado, pela sensibilidade de compreenderem esse momento de minha vida nesses dois anos de pesquisa.

As Gestoras das Escolas pesquisadas, pelo acolhimento e prontidão. Aos professores de AEE e das salas regulares pela gentileza em colaborarem com esta pesquisa.

À CAPES, por ter concedido a bolsa para a pesquisa, através da qual consegui a aquisição de livros e equipamentos que me ajudam na pesquisa e participação em eventos, sem deixar de mencionar a UFAM como mentora desse sonho, que me proporcionou chegar ao final deste curso, novas oportunidades de crescimento profissional e a descoberta de novos saberes.

A todos que, direta ou indiretamente, me ajudaram, apoiaram e se alegraram com as minhas conquistas.

Muito obrigada!

RESUMO

MENDONÇA, Maria de Fátima Cruz de. **Desafios apontados por docentes para o ensino de discentes com TEA incluídos em escolas de Humaitá-AM.** 2025, 92 f., Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidades, Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente, Universidade Federal do Amazonas.

Esse estudo tratou de uma pesquisa de Dissertação do PPGECH, que teve por objetivo averiguar, analisar e descrever de que maneira a escola trabalha as práticas de inclusão e o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos autistas nas escolas do município de Humaitá/AM ao final do ano letivo, incluindo, também, compreender o rendimento escolar dos discentes com TEA, analisar os desafios e avanços dos docentes, ressaltando as dificuldades de interação dos discentes com TEA com os professores e os demais envolvidos dentro do contexto escolar. Autores que colaboraram para que o trabalho tivesse cunho científico e assim fossem base que sustentaram as inquietações e desafios que compõe este trabalho foram: Cardozo (2021), Dias (2021) Magalhães (2016), Mello (2013), Silva (2015), entre outros, assim como as leis pertinentes. Partindo dos estudos teóricos, elencamos, enquanto propósito desse estudo, chamar a atenção da sociedade acerca de uma temática que vem se tornando bastante pertinente, ganhando espaços em fóruns, congressos, simpósios e nos meios de comunicação em geral. Mostrou com muita veemência como se deve olhar, conhecer, compreender e respeitar as pessoas com deficiência, sejam elas física, auditiva, visual ou motora. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) se destacou por ser a temática central desse estudo e, por essa razão, o referido trabalho abordou sobre os desafios, dificuldades, possibilidades, questionamentos e avanços acerca dos estudantes com Transtorno do Espectro Autista, ao serem matriculados em escolas regulares no município de Humaitá. Trata-se de um estudo de cunho qualitativo voltado ao conhecimento e compreensão acerca dos desafios que docentes encontram ao atender estudantes com autismo na sala de aula regular, sem deixar de observar as suas lutas, expectativas, dificuldades e progressos acerca da sua aprendizagem, tendo o professor como o mediador nesse percurso.

Palavras-chave: Inclusão. Docentes. Estudantes com TEA. Práticas de Inclusão.

SUMMARY

MENDONÇA, Maria de Fátima Cruz de. **Challenges identified by teachers for teaching students with ASD enrolled at schools of Humaitá-AM.** 2025, 92 p., Dissertation (Masters in the Teaching of Sciences and Humanities) - Postgraduate Program in the Teaching of Sciences and Humanities, Institute of Education, Agriculture and Environment, Federal University of Amazonas.

This study is part of a Master's dissertation from the PPGECH program, which aimed to investigate, analyze, and describe how schools address inclusive practices and the teaching and learning processes of autistic students in the schools of the municipality of Humaitá/AM at the end of the academic year. The study also sought to understand the academic performance of students with Autism Spectrum Disorder (ASD), analyze the challenges and progress of teachers, and highlight the interaction difficulties that students with ASD face with teachers and others within the school context. Authors who contributed to giving this work a scientific foundation and supported the concerns and challenges discussed in this research include: Cardozo (2021), Dias (2021), Magalhães (2016), Mello (2013), Silva (2015), among others, as well as relevant legislation. Based on theoretical studies, the purpose of this research was to draw society's attention to a topic that has become increasingly relevant and has gained visibility in forums, congresses, symposiums, and the general media. It emphatically demonstrated the importance of viewing, understanding, and respecting people with disabilities - whether physical, auditory, visual, or motor. Autism Spectrum Disorder (ASD) stood out as the central theme of this study. For this reason, the research addressed the challenges, difficulties, possibilities, questions, and progress related to students with ASD when enrolled in mainstream schools in the municipality of Humaitá. This is a qualitative study focused on understanding the challenges teachers face when teaching students with autism in regular classrooms, while also considering their struggles, expectations, difficulties, and progress in learning, with the teacher serving as a mediator in this process.

Keywords: Inclusion. Teachers. Students with ASD. Inclusive Practices.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Alunos com TEA Matriculados nas Escolas da Zona Urbana.....	49
Tabela 2 - Alunos com TEA Matriculados nas Escolas do Campo.....	50
Tabela 3 - Alunos com TEA Matriculados nas Escolas Indígenas.....	50
Tabela 4 - Escola Ametista	66
Tabela 5 - Escola Esmeralda.....	67

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Creches com alunos Autistas de 2 e 3 anos Matriculados.....	52
Gráfico 2: Creches e Escolas Municipais com autistas matriculados.....	52
Gráfico 3: Escolas Municipais de 1º ao 5º com autistas matriculados.....	53
Gráfico 4: Escolas Municipais de 1º ao 9º com autistas matriculados.....	54
Gráfico 5: Escolas do Campo com autistas matriculados.....	55
Gráfico 6: Escolas Municipais com estudantes com (TEA) Matriculados nas Creches, Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II	56
Gráfico 7: Escolas do Campo.....	57
Gráfico 8: Escolas Indígenas.....	57

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Orla Portuária de Humaitá.....	44
Figura 2: Mapa do Estado do Amazonas.....	45
Figura 3: Pórtico de Entrada da Cidade de Humaitá-AM.....	47
Figura 4: Quantidade de Escolas Municipais.....	48
Figura 5: No chão das Escolas.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS

AEE	ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO
AMA	ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO AUTISTA
BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
CAPES	COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR
CEP	CONSELHO DE ÉTICA E PESQUISA
CNS	CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE
CONEP	COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA
EEM	ESCOLA DE ENFERMAGEM DE MANAUS
EJA	EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
IEAA	INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE
ISBN	INTERNATIONAL STANDARD BOOK NUMBER
LBI	LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO
LDB	LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL
MT	MATO GROSSO
OMS	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE
PPGECH	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E HUMANIDADE
PUCRS	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
SRM	SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL
SEMED	SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO
SEDUC	SECRETARIA ESTADUAL DE EDUCAÇÃO
SUS	SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE
SUFRAMA	SUPERINTENDÊNCIA DA ZONA FRANCA DE MANAUS
TEA	TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA
UERJ	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO
UFAM	UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
UFBA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL	23
2.1 O que conhecemos a respeito da Educação Especial?.....	26
2.2 O que se entende por inclusão?	27
2.3 De que maneira os estudantes autistas veem a escola: dificuldades, aptidões e convivência em grupo?	28
2.4 O que diz a Legislação sobre o Autismo?	29
3 AS CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA INCLUSIVA PARA OS DISCENTES COM TEA E O PAPEL DO PROFESSOR AO TRABALHAR COM OS ESTUDANTES AUTISTAS	31
3.1 Quais as contribuições que as famílias podem dar em relação aos estudantes autistas?	32
3.2 Quais as Contribuições do Atendimento Educacional Especializado na Aprendizagem Dos Discentes com TEA?	34
3.3 Quais os desafios enfrentados por professores ao trabalharem a inclusão na sala de aula regular?	36
3.4 Qual é o real conhecimento do professor a respeito do TEA?	37
3.5 A escolha da temática e os seus objetivos.....	39
4 METODOLOGIA	41
4.1 Fases da Pesquisa	41
4.1.1 Diário de Campo	42
4.1.2 Observação	42
4.1.3 Entrevista Semiestruturada	43
4.2 Cenário e sujeitos do estudo	44
5 CONVERSA INICIAL SOBRE AS ESCOLAS MUNICIPAIS QUE ATENDEM ALUNOS COM TEA DE HUMAITÁ.....	49
5.1 Conhecendo as escolas que atendem alunos com TEA.....	51
5.2 Análise das Observações nas duas Escolas Escolhidas	60
5.3 Perfil dos Participantes da Pesquisa das Escolas Municipais de Humaitá: Escola Ametista e Escola Esmeralda	63

5.4 Resultado das Entrevistas com as Professoras das Escolas	
Municipais: Escola Ametista e Escola Esmeralda	66
6. VOZES DOCENTES: LUGAR DE ESCUTA NAS ESCOLAS	68
7. ALINHAVANDO E COSTURANDO AS CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICES	89
1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	89
2. ROTEIRO PARA ENTREVISTA	91

1 INTRODUÇÃO

Tudo começou com os tantos rascunhos que alinhabei e costurei até construir um projeto de dissertação de mestrado. Houve muitos ajustes, os quais se fizeram necessários e que trouxeram um novo olhar, que me fizeram rever e seguir por um caminho totalmente diferente do que já tinha planejado desde o início do curso. Entendi ser relevante explicar esse processo iniciado no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Humanidade da Universidade Federal do Amazonas.

No decorrer da minha pesquisa, muitos foram os autores que me ajudaram a fortalecer a notoriedade desse trabalho, que busquei descrever e compreender os direitos das pessoas com deficiência, sejam quais fossem. Por essa razão, me acompanharam como minha luz de conhecimento alguns desses teóricos como: Lobato (2021), Mazzota (2001), Menezes (2012), Oliveira (2020), Cardozo (2021), Santos (2014, 2022), e as leis que asseguram os direitos já adquiridos pelos mesmos, quais sejam: Lei de nº 12.764, de 27/12/2012, conhecida como Lei Berenice Piana e a Lei de Diretrizes e Base 9394/96 (LDB), dentre outras. Sendo assim, esperamos que esse trabalho possa contribuir para o conhecimento e aprendizagem dos que se interessarem em conhecer um pouco mais sobre a temática.

Ao longo de minha vida escolar, sempre me questioneei sobre as práticas educativas que um gestor precisa ter ao trabalhar em uma escola, para que o ambiente seja propício ao que realmente se espera alcançar, pois é notório afirmar que quando o gestor não trabalha em conjunto com todos os envolvidos de maneira participativa, a escola não produz os resultados desejados, a credibilidade da escola fica evidente e a imagem do gestor fica desacreditada e, com isso, todos acabam prejudicados.

No decorrer desses anos de estudo, ao estudar nas escolas regulares, não tenho lembranças de ter presenciado nenhum tipo de preocupação de professores e equipe pedagógica em relação a discentes com deficiência, mesmo porque, até os anos de 2000, não se conhecia muito sobre esse público. As pessoas com deficiência estiveram por muito tempo afastadas do convívio em sociedade (Santos, 2022). Muitos desses discentes nem em escolas eram matriculados; as

escolas alegavam não terem vagas e tão pouco professores formados e preparados para atenderem à demanda.

Pude certificar dessas práticas exclusivas no decorrer dos Estágios Supervisionados, ao longo dos anos do curso de Licenciatura em Pedagogia. Mesmo tendo cursado a disciplina Educação Especial, verifiquei que as práticas voltadas para uma possível inclusão escolar eram quase imperceptíveis pela equipe escolar e pedagógica, pois a falta de conhecimentos e informações a respeito dessa problemática só colaboravam para que as crianças com deficiência fossem vistas meramente como números, uma triste realidade vivenciada por aquelas crianças que precisavam de uma atenção e um olhar mais aguçado acerca de sua aprendizagem.

Mesmo tendo cursado a disciplina de Educação Especial na graduação, naquele momento, não cogitava em mudar a temática da minha pesquisa, pois a ideia de Educação Especial não tinha despertado ainda o meu interesse, mas, no decorrer do curso de mestrado, fui tomada por muitas dúvidas e inquietações: observei que meu foco tinha tomado outras proporções que me levariam a trilhar um novo caminho para a minha investigação científica.

Procurei outra orientadora e essa me perguntou o que mais me angustiava, ou o que me movia naquele momento. De pronto, respondi que seriam as minhas preocupações como mãe, por ter o anseio em poder ajudar meu filho, poder contribuir com ele, e talvez com outras famílias que estivessem na mesma situação que eu. Por essa razão, chegamos a um consenso e minha pesquisa passou a ter como temática: **DESAFIOS APONTADOS POR DOCENTES PARA O ENSINO DE DISCENTES COM TEA INCLUÍDOS EM ESCOLAS DE HUMAITÁ-AM.**

Então, ainda com muitas dúvidas, contei minha realidade, pois tenho um filho autista. Na época, ainda estava em investigação para fechar o laudo. Mesmo sendo adulto, demoramos para encontrar um profissional que, de fato, afirmasse qual era a real necessidade do meu filho. Assim, movida por essas dúvidas e incertezas, pude mergulhar mais no assunto e também pensar de que maneira poderia contribuir com outras mães atípicas.

Em seus primeiros anos de vida, meu filho teve algumas crises de epilepsia; foi levado ao hospital e tomou uma medicação intravenosa. No entanto, não houve melhoras no seu quadro clínico e as crises persistiram, levando o médico a

transferi-lo para Porto Velho para que passasse por um atendimento mais especializado. Depois de alguns exames feitos, o neurologista receitou uma medicação à base de Gardenal por dois anos para sanar as crises de epilepsia, mas, no decorrer do tratamento, o remédio passado pelo médico não estava mais surtindo o efeito esperado, trocando então para o Tegretol até o final do tratamento.

Os anos se passaram sem que fosse percebido algum tipo de comportamento ou atitudes que mostrassem alguma deficiência ou transtorno. Sua infância e adolescência aparentemente foram normais para a idade, já que era uma pessoa tímida, de pouca conversa e poucos amigos.

Somente aos 20 anos que observamos melhor as atitudes, gestos e comportamentos que não condiziam com a idade cronológica dele, se isolando cada vez mais em seu quarto, não interagindo com qualquer pessoa, com conversas e gargalhadas sozinho, assistindo o mesmo desenho inúmeras vezes.

Com o passar do tempo, nossas conversas foram diminuindo; não olhava nos olhos das pessoas quando falavam com ele. Foi nesse momento que decidimos que um especialista precisava nos ajudar. Foram feitos os exames necessários e o diagnóstico ainda não estava tão claro, mas, finalmente, em 2024, um médico deu nome e significado a tudo que procurávamos: Transtorno do Espectro Autista (TEA). Sinceramente, era o que eu suspeitava, mas não tinha nome, era difícil. Foi muito difícil no início aceitar e compreender a respeito de algo que não se conhecia, em não querer enxergar que o seu filho era diferente e que você teria que aprender a conviver com essas diferenças, pois era preciso, amor, cuidado, carinho, paciência e dedicação em dobro.

A partir daí, não teria mais dúvidas de que minha temática iria passar por uma reviravolta e seria de grande relevância abordar essa problemática vivenciada dentro das instituições de ensino, seja de Ensino Infantil ou Fundamental pois, é gritante o que muitas famílias passam com os seus filhos autistas no ambiente escolar, já que irão interagir e socializar com outras crianças sem os pais por perto, tendo o professor como o mediador desse processo.

Nesta pesquisa, buscou-se averiguar de que maneira era trabalhada a inclusão de discentes com TEA e os desafios vivenciados por professores nos bastidores de uma sala de aula regular e, por esse motivo, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- Descrever como os docentes atuavam no atendimento de discentes com TEA, tanto na sala de aula regular quanto no AEE;
- Analisar quais são os recursos utilizados ou adaptados pelos professores para melhor atender os discentes com TEA nas instituições de ensino que iriam ser pesquisadas;
- Investigar em que medida as instituições de ensino estavam estruturadas logística, técnica e pedagogicamente para atender os discentes com TEA e suas famílias;

Parte dessa verdade de como a escola é importante na construção de conhecimentos e de saberes de todos os envolvidos no contexto escolar e de como um bom acolhimento beneficia no processo de aprendizagem dos discentes, tendo a participação da família e da escola como parte fundante desse processo como aponta Lobato (2021). No entanto, a escola precisa buscar conhecer o estudante e a família é um dos caminhos apontados em evidências científicas que contribui para a inclusão destes no ambiente escolar.

Por isso, a família precisa estar presente em todos os momentos da vida dos seus filhos, trabalhando em parceria com toda a escola, contribuindo para um bom rendimento escolar e uma aprendizagem mais significativa para os mesmos.

Na sessão I, foi apresentado um breve enfoque acerca da escolha de temática que investigou a respeito da Educação Especial e Inclusiva em escolas da rede pública de ensino no município de Humaitá, buscando-se conhecer e compreender sobre os direitos das pessoas com deficiência, sejam elas: visual, motora, auditiva, intelectual, e mais precisamente aquelas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), as quais, ao longo desse estudo, foram acompanhadas por estudos feitos por autores fidedignos para fortalecer e embasar a veracidade da pesquisa, sem deixar de acrescentar as leis que os beneficiam no cumprimento dos direitos já adquiridos, principalmente de ocupar um lugar em uma sociedade de forma igualitária, humana e menos preconceituosa. Partindo dessa verdade, esse estudo contemplou as sessões seguintes deste estudo.

Na sessão II, foi abordado um breve histórico da Educação Especial no Brasil, o que realmente se conhece a respeito da Educação Especial, como é vista, trabalhada e vivenciada nos seguintes contextos: familiar, escolar, comunidade e sociedade.

Também abordamos como a inclusão é compreendida por meio de todos os envolvidos no contexto escolar, vindo a corroborar a respeito da forma como os estudantes enxergam a escola e facilitando para que os mesmos, através desse acolhimento, pudessem manifestar suas habilidades, aptidões, dificuldades, avanços e convivência em grupo.

Em seguida, na sessão III, foram abordadas as Contribuições da Educação Inclusiva para os estudantes com TEA, enfatizando-se as contribuições e os benefícios acerca de uma escola inclusiva para estes estudantes. Discorreu-se, ainda, acerca do importante papel do professor e de que maneira o mesmo deve trabalhar em uma sala de aula regular com discentes autistas nos processos de ensino e de aprendizagem.

Foi importante salientar sobre a relevância do trabalho em conjunto da família e escola, para que os bons resultados pudessem ser alcançados por todos, sem deixar de afirmar que o Atendimento Especial Especializado (AEE) é crucial para que os estudantes autistas alcancem os objetivos propostos acerca de sua aprendizagem.

Na sessão IV, abordamos a metodologia que foi utilizada durante a investigação, as etapas da pesquisa, bem como o *lôcus* em que se desenvolveu a pesquisa no intuito de responder os objetivos propostos frente às nossas inquietações, questionamentos e compreensão a respeito dos desafios enfrentados por discentes autistas, professores, equipe pedagógica e família, o que foi apurado por meio da coleta de dados e outras informações obtidas.

A sessão V iniciou-se com a análise e discussão dos dados e seguiu com o título: Desafios para o ensino de Discentes com TEA incluídos em Escolas de Humaitá-AM, pois tratou-se da apresentação da Escola Ametista, que atendia discentes com Transtorno do Espectro Autista dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, e da Creche Municipal Esmeralda, que atendiam discentes da Educação Infantil que foram diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista, ambas escolas da rede pública de ensino do referido município.

A sessão VI apresentou os resultados alcançados a partir da coleta de dados por meio das entrevistas semiestruturadas que foram realizadas após as observações nas salas de aula regulares e sala de recursos. Participaram dessas entrevistas quatro professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e uma

professora da sala de recursos, da Escola Ametista, e cinco professoras da Educação Infantil e uma professora da sala de recursos da Creche Municipal Esmeralda, o que se deu com o intuito de conhecer as suas reais necessidades, desafios, avanços e dificuldades ao longo dos processos de ensino e de aprendizagem e na construção de novos saberes.

2 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Quando se fala de Educação Especial, é notória a importância do estudo e do tema em questão, pois se trata de muitas inquietações dos docentes acerca de estudantes que apresentam deficiências, como visual, auditiva, física, mental ou intelectual, além daqueles diagnosticados com autismo.

De acordo com Santos (2014), os desafios dos estudantes com deficiência surgem quando os profissionais da Educação, em diversas instituições de ensino, apontam não estarem aptos para receberem e atenderem esses alunos. Por outro lado, esses profissionais afirmam que os recursos não são suficientes para suprir as suas reais necessidades. Dentre os serviços que ainda são insuficientes, há a falta de Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) e de formação adequada para os professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A Constituição Federal determina que todos são iguais perante a lei, que todo indivíduo tem direito a um tratamento justo sem distinções étnicas, raciais, sociais, culturais e econômicas, mas a realidade das pessoas que convivem com deficiência é bem diferente do que mostram as leis; o preconceito é nítido e a exclusão é escancarada por uma parte da sociedade. Isso se deve à falta de conhecimento de como promover a inclusão de todo e qualquer ser humano com deficiência, como ressalta Oliveira (2020, p. 29):

Aqui vale mencionar o princípio da isonomia, previsto no art. 5º, 'caput', da Constituição Federal que garante igualdade para todos perante a lei, ditando que "todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza". Dessa forma, todo o indivíduo tem o direito a um tratamento justo e igualitário, já que não pode haver distinções étnicas, sociais, raciais, culturais, econômicas, como aquelas pautadas em diferenças e/ou necessidades individuais.

É necessário que todos os estudantes com deficiência sejam incluídos em todos os contextos pela sociedade, que a falta de informações acerca da inclusão não separe ou exclua e que as leis sejam, de fato, respeitadas e cumpridas

É notório perceber o desenvolvimento de estudos que abordam as lutas, reivindicações e conquistas das pessoas com deficiência a fim de garantir os seus direitos. Com isso, esperamos que as pessoas com deficiência não sejam apenas aceitas, mas incluídas nos espaços sociais, culturais e econômicos, como descreve Mazzota (2001, p. 15):

A defesa da cidadania e do direito de pessoas com deficiência à educação de pessoas com deficiência é atitude muito recente em nossa sociedade. Manifestando-se através de medidas isoladas, de indivíduos ou grupos, a conquista e o reconhecimento de alguns direitos das pessoas com deficiências podem ser identificados como elementos integrados de políticas sociais a partir de meados deste século.

Avançamos em defesa da cidadania, sobre o direito de todos terem acesso à escola e a uma educação de qualidade. Ressaltamos que o documento norteador desse direito foi a Declaração de Salamanca (1994), quando, historicamente, garantiu-se que todas as pessoas tivessem acesso à Educação.

Outro documento importante para as pessoas com deficiência é a Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012, conhecida como Lei Berenice Piana, que instituiu a Política Nacional da Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabeleceu as diretrizes para a sua consecução. Nesta lei, a pessoa com Transtorno do Espectro Autista é considerada deficiente para todos os efeitos legais e, com ela, tem-se novamente o reforço do direito e o acesso à escola para todos, especialmente quando se trata da Educação ofertada aos estudantes com TEA.

Com a frequência do estudante com TEA em uma sala de aula regular, o acompanhamento realizado por meio de terapias e através de laudos com informações fidedignas por profissionais especializados da área (fonoaudiólogos, psicólogos, educadores físicos ou fisioterapeutas), o que é primordial para que ele possa participar de todos os momentos no ambiente escolar. Assim, poderá ter a sua qualidade de vida e condições mais próximas para alcançar sua autonomia e independência, quando possível.

No entanto, isso só poderá ser alcançado por todos, além de serem aceitos, quando forem respeitados em suas particularidades. Mesmo sendo um direito de todos, no acesso à escola, muitos estudantes com deficiência enfrentam obstáculos grandiosos, pois ainda é complexo oferecer uma Educação que realmente os inclua no ambiente escolar.

É na escola que o estudante com TEA encontrará os seus primeiros desafios em relação às suas limitações, especialmente no processo de interação com os demais envolvidos que fazem parte do contexto escolar. Logo, o processo de aprendizagem dependerá das práticas pedagógicas adotadas pelo professor na sala de aula regular, mas, até que ponto essa forma de assimilar conteúdos, por parte do discente, será benéfica para um rendimento escolar satisfatório?

O ambiente escolar exercerá um papel significativo na construção dos conhecimentos, seja de maneira satisfatória ou não, ao longo do ano letivo. Por isso, é primordial para um estudante com deficiência trabalhar suas potencialidades, capacidades, conhecimentos e aprendizagens acerca dos conteúdos ministrados em sala de aula regular pelos professores.

Considerando que os estudantes não podem ser vistos e nem tratados como meros excluídos da sociedade, diferenciados apenas por terem uma deficiência, por serem diferentes, por conta da cor ou menor aquisição econômica, como reforça Ropoli (2010, p.7):

Ambientes escolares inclusivos são fundamentados em uma concepção de identidades e diferenças, em que as relações entre ambas não se ordenam em torno de oposições binárias (normal/especial, branco/negro, masculino/feminino, pobre/rico).

Analisando através de um determinado ângulo, observa-se que os estudantes com suas deficiências estão em constante transformação, tanto no que se refere às suas habilidades quanto aos seus conhecimentos. Eles não podem ficar rotulados em grupos ou serem definidos por características. Desse modo, é necessário considerar o ambiente escolar como sendo fundamental para a socialização e a interação com outras pessoas.

É importante que um estudante com TEA seja bem acolhido no contexto escolar e por todos os envolvidos, já que o mesmo irá conviver, no decorrer do ano letivo, em um ambiente em que terá que aprender a trabalhar em conjunto, interagindo e socializando com todos, tendo o professor como mediador desse processo, como salienta Tiradentes (2020, p. 52):

O papel do docente dentro desse contexto é de fundamental importância, já que os estudantes se tornam sujeitos de sua aprendizagem, fazendo-se necessária a atuação compromissada de seus professores, auxiliando na construção de um ambiente educacional transformador em atitudes e valores morais e humanos.

Por essa razão, o tema em questão está centrado nos estudantes com deficiência, especialmente aqueles diagnosticados com TEA. Isso traz, como diferencial, o entendimento dos desafios enfrentados pelos docentes ao proporcionar momentos de ensino e de aprendizagem em uma sala de aula regular. Busca-se portanto, analisar quais são os anseios, dificuldades e desafios dos docentes, bem como averiguar a maneira como acontece a interação entre docentes e estudantes com TEA no contexto escolar.

2.1 O que conhecemos a respeito da Educação Especial?

Ao falar acerca da Educação Especial e de estudantes com deficiência, surge logo o pensamento de como lidar com essa situação. Tal cenário incomoda principalmente aqueles profissionais que não estão preparados e nem aptos e, por essa razão, não sabem como trabalhar com os estudantes e as suas limitações. Com frequência, os estudantes são vistos por muitos como excluídos sem direitos ou oportunidades. Esse olhar preconceituoso e pejorativo, muitas vezes, se manifesta no convívio familiar em que eles estão inseridos.

É na escola que, no decorrer do ano letivo, acontecem as aprendizagens, interação, socialização e o início de uma relação de amizade entre professor/estudante autista construída com o início de confiança mútua que resultará no rendimento satisfatório do estudante, como aborda Cardozo, (2021, p. 17):

Assim, ao compreender essas relações e o quanto a construção do vínculo impacta no processo de aprendizagem e na trajetória escolar do estudante, podemos perceber como o professor estabelece uma relação de confiança ao identificar o potencial do indivíduo, interferindo positivamente no processo de escolarização do estudante com TEA.

A autora salienta que, a partir do momento em que uma amizade de confiança é construída entre o professor/estudante, sua aprendizagem terá inúmeras possibilidades de alcançar os resultados esperados, pois o professor, por sua vez, conhecerá e compreenderá as suas potencialidades e, dessa forma, a aprendizagem será satisfatória para ambos.

Conforme apontado anteriormente, todas as pessoas com deficiências têm os seus direitos garantidos por lei e, por essa razão, devem ser respeitadas,

principalmente quando se refere ao acesso à escola e a uma Educação de qualidade. Segundo a Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015, conhecida como a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) da Pessoa com Deficiência, em seu artigo 1º, garante-se “Assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando a sua inclusão social e cidadania” (Brasil, 2015, p. 10).

O documento também destaca que o papel da sociedade em conhecer e respeitar o direito das pessoas com deficiência e sua inclusão no meio social. Nesse caso, é imperativo resguardá-la de toda e qualquer forma de discriminação, seja racial, étnica, violência sexual ou psicológica.

Todavia, quando se refere a uma pessoa com deficiência, enxerga-se uma pessoa com limitações de avançar, crescer, trabalhar, estudar e interagir. Isso ocorre devido à dificuldade em se perceber como parte integrante da sociedade e de usufruir do direito que é seu por lei. Como aborda Silva (2014, p. 15):

Que esta decepção de deficiência, que inferioriza o sujeito e limita, através de barreiras físicas, comunicacionais e/ou atitudinais, suas chances de ser e estar no mundo, vem sendo responsável pela própria constituição dessa deficiência, uma vez que interfere de maneira direta nas possibilidades e de interação de indivíduos com deficiência com outras pessoas e vice-versa.

A falta de conhecimento a respeito dessa problemática direciona as pessoas a enxergarem a pessoa com deficiência com um certo preconceito. Tal situação ocorre por elas não estarem preparadas para aprender a conviver com pessoas honestas, amorosas, divertidas e dispostas a mostrar-lhes como devem conviver dentro do seu mundo.

2.2 O que se entende por inclusão?

A inclusão das pessoas com deficiência nos espaços escolares é um assunto que tem ganhado notoriedade nas pesquisas acadêmicas desde os anos de 1990. Conforme abordam pesquisadores, como Mazzota (2001), Lanna Júnior (2010) e Santos (2014 e 2022), ela adquiriu visibilidade juntamente com o movimento para a implantação do paradigma da inclusão no Brasil. Contudo,

verificamos que ainda há diversas lacunas quando se trata do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O pensamento de muitos em relação a um estudante com autismo é de que, ao inseri-lo em uma sala de aula regular, espera-se que ele aprenda da mesma maneira que qualquer outro estudante, dito normal. No entanto, esse estudante encontra inúmeras dificuldades, sendo uma delas a interação com os outros colegas. É importante considerar que a sua aprendizagem não ocorrerá da mesma maneira, se comparada com os demais estudantes, pois o tempo e o ritmo tornam-se os diferenciais para que este processo aconteça. Como reforça Mello (2007, p. 41-42):

Ao se pensar em termos de inclusão, é comum a ideia de simplesmente colocar uma criança que tem autismo em uma escola regular, esperando assim que ela comece a imitar as crianças normais, e não crianças iguais a ela ou crianças que apresentam quadros mais graves. Podemos dizer, inicialmente, que a criança com autismo, quando pequena, raramente limita outras crianças, passando a fazer isto apenas após começar a desenvolver a consciência dela mesma, isto é, quando começa a perceber relações de causa e efeito do ambiente em suas próprias ações e vice-versa.

Assim, o que muitos imaginam é que um estudante autista irá interagir rapidamente com os outros estudantes por meio de brincadeiras, trabalhos em grupos e conversas olho no olho. Raramente isso vai acontecer, mas se faz necessário todo um trabalho em equipe para proporcionar as atitudes e expectativas que trarão benefícios para o seu processo de ensino e aprendizagem, respeitando o seu tempo, ritmo e cognição.

2.3 De que maneira os estudantes autistas veem a escola: dificuldades, aptidões e convivência em grupo?

Pesquisadores descrevem que a grande maioria dos autistas encontram muitas dificuldades em se relacionar com os outros estudantes, pois está dentro do espectro a dificuldade de socialização ou até mesmo de comunicação. Por isso, torna-se importante compreender as reais necessidades dos estudantes inseridos nessas escolas, conhecer as vivências no âmbito escolar, bem como suas experiências na socialização e assimilação de conhecimentos acadêmicos.

A intenção desse processo é despertar aprendizagens e conhecimentos que incentivem trabalhos em equipe, para que os estudantes com TEA se sintam parte do todo. Como salienta Silva (2012, p. 49):

A trajetória escolar é especial e todos têm o direito de vivenciar essa experiência. Afinal, é na instituição de ensino que se aprende a conviver em grupo, a se socializar, trabalhar em equipe, conviver com as diferenças: são os primeiros passos rumo a vida adulta. Enquanto a criança autista convive apenas em seu seio familiar, muitas características permanecem em estado de latência ou ainda não são totalmente perceptíveis. Muitos podem ter notado que ela tem algo diferente, mas é com ingresso na escola que essa desconfiança se concretiza e aparecem as potenciais dificuldades. A mãe e os professores, mesmo sem querer, acabam comparando a criança com seus coleguinhas e a diferença acaba ficando mais evidente. Ali, os pais já não estão mais presentes para facilitar as coisas, mediar as brincadeiras e atender a todas as vontades da criança.

Nesse sentido, ao ser incluído no contexto escolar, o estudante autista não faz a mínima ideia de como será o seu convívio e, tampouco, como deve socializar com os demais estudantes. Isso ocorre porque ele não está em seu meio social, ou seja, em seu ambiente familiar onde os laços afetivos estão mais arraigados. Nos primeiros dias, a permanência do estudante na escola será muito difícil e sua estadia na escola dependerá, em grande parte, de como se deu a inclusão e a acolhida. Além disso, a maneira como é visto pelos outros e a forma como a empatia é trabalhada poderá auxiliar na ideia de pertencimento, ou seja, na sensação de se sentir parte de um todo.

Fica evidente que quando o acolhimento de estudantes com Transtorno do Espectro Autista na escola regular acontece de maneira mais humana, contribui para um rendimento escolar mais positivo, beneficiando-os nos processos de ensino e de aprendizagem, sem mencionar que o respeito à sua deficiência lhes proporciona momentos de alegria, interação, conhecimento, trabalho em grupo, confiança mútua, convivência saudável e possibilidades de permanência contínua no espaço escolar.

2.4 O que diz a Legislação sobre o Autismo?

Como já foi mencionado no decorrer do texto sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), fica clara a relevância que essa temática tem, pois precisa tratar da preocupação em muitos setores: social, saúde, psicológico, ensino,

econômico, cultural e políticas públicas, sem deixar de se salientar os direitos adquiridos pelos mesmos.

No entanto, faz-se necessário que esses direitos sejam, de fato, respeitados em todos os ambientes e o que traz a Legislação pertinente através de documentos oficiais, leis e decretos, como as seguintes referências:

- a- Lei nº 9.394/1996 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que define as diretrizes da Educação nacional, estabelecendo os princípios e objetivos da Educação inclusiva no país.
- b- Lei nº 10.098/2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.
- c- Decreto nº 5.296/2004, que regulamenta as leis de acessibilidade e estabelece normas gerais e critérios para a promoção da acessibilidade das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida.
- d- Decreto nº 6.949/2009, que promulga a convenção internacional sobre os direitos das pessoas com deficiência e seu protocolo facultativo, reforçando o compromisso do Brasil com os direitos das pessoas com deficiência.
- e- Decreto nº 7.611/2011, que regulamenta o programa de apoio à inclusão e promoção da acessibilidade nas instituições federais de ensino.
- f- Lei nº 12.764 - Lei Berenice Piana - que instituiu a política nacional de proteção dos direitos da pessoa com Transtorno do Espectro Autista.
- g- Decreto nº 8.368/2014 - que regulamenta a Lei nº 12764/2012, estabelecendo diretrizes para o atendimento especializado às pessoas com autismo pelo Sistema Único de Saúde (SUS).
- h- Lei nº 13.146/2015 - Estatuto da Pessoa com Deficiência, também conhecido como Lei Brasileira de Inclusão (LBI), aborda diversas questões relacionadas à garantia de direitos e inclusão social, incluindo dispositivos específicos para pessoas com autismo.
- i- Base Nacional Comum Curricular (BNCC), de 2017, que define os objetivos de aprendizagem essenciais para todos os estudantes da Educação Básica no Brasil.

- j- Decreto nº 9.405/2018, que regulamenta a Lei nº 13.146/2015, estabelecendo normas e critérios para a avaliação da deficiência e o acesso aos direitos previstos na LBI, incluindo as pessoas com autismo.
- k- Lei nº 13.977/2020, também conhecida como Lei Romeu Mion, que institui a Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (CIPTEA), que tem o objetivo de facilitar o acesso a direitos e benefícios específicos.

Todos esses documentos são de suma importância para que os direitos das pessoas com deficiência, incluindo os autistas, sejam respeitados e cumpridos em todos os ambientes, como afirma Torres (2024, p. 21)

Estas legislações e normativas são cruciais para assegurar que os direitos das pessoas com deficiência sejam respeitados e promovidos em todo o país. Elas abrangem diferentes áreas, como a adaptação de currículos escolares, formação de professores, a acessibilidade física e comunicacional nas escolas, e o desenvolvimento de programas e políticas.

A fala da autora mostra notoriedade a respeito dos direitos das pessoas com deficiência, incluindo os autistas, ao acesso e permanência em ambientes públicos e privados, ensino de qualidade, consultas e exames gratuitos, medicamentos e tratamento adequado para os mesmos.

3 AS CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA INCLUSIVA PARA OS DISCENTES COM TEA E O PAPEL DO PROFESSOR AO TRABALHAR COM OS ESTUDANTES AUTISTAS

Muitos educadores se sentem inseguros, na maioria das vezes, por não terem uma formação específica na área da educação especial, os quais enfrentam os mais variados desafios, no decorrer do ano, com os seus discentes autistas, quando buscam formas de como trabalhar uma aprendizagem mais produtiva, benéfica e pautada nos conhecimentos dos referidos estudantes, com o intuito de redirecioná-los a um mundo cheio de novas descobertas, já que o ambiente escolar é o lugar onde os discentes aprenderão como se socializar e interagir com o meio, como ressalta (Silva, 2012, p. 52):

O professor preparado pode fazer muito pelas crianças com autismo, mesmo que não seja especialista nessa área. Com amor, dedicação e

paciência, poderá ganhar a confiança eterna de uma criança. O primeiro passo é o conhecimento. Informações específicas sobre o funcionamento autístico são ferramentas essenciais para orientar o professor no trato com esse aluno e, sobretudo, auxiliá-lo em seu desenvolvimento. Algumas sutilezas, como falar baixo, chamar a atenção de forma delicada ou ajudá-lo a entender o conteúdo por meio de figuras ou imagens, são sempre muito bem-vindas. Para isso, é importante avaliar os pontos fracos de seu aluno e colocar em prática as estratégias. Seu empenho pode fazer uma enorme diferença na vida dele. Pode tirá-lo de um mundo com repertórios restritos e redirecioná-lo a um universo repleto de novidades e atrativos. Além disso, pode facilitar sua convivência em grupo de maneira harmônica e prazerosa. Mais do que ensinar, a escola possui o importante papel de ser o local dos primeiros grupos sociais pequenos. Lá, eles encontrarão coleguinhas que, por vezes, os acompanharão pela vida por muitos anos.

Silva (2012) chama a atenção para educadores que estão dispostos a trabalharem com discentes autistas, na construção de uma aprendizagem mais satisfatória, construída no decorrer do ano letivo, por meio de uma confiança mútua e estabelecida entre professor e estudante autista no decorrer desse trabalho

Compreende-se que o professor será capaz de analisar e compreender quais os desafios enfrentados por esse discente no que diz respeito ao seu desenvolvimento, suas dificuldades e potencialidades de aprender, sendo que, na escola, o mesmo aprenderá a trabalhar em grupo e individualmente. Dessa forma, sua convivência com todos os envolvidos se tornará mais prazerosa por meio da interação, socialização, trazendo ganhos para todos (escola, discentes e família).

3.1 Quais as contribuições que as famílias podem dar em relação aos estudantes autistas?

Um dos grandes percalços enfrentados por muitas famílias de crianças autistas é justamente a não aceitação, por se tratar de alguém com deficiência. Quando o mesmo está inserido no contexto familiar, torna-se um agravante ainda maior, pois a falta de conhecimento em torno dessa deficiência faz com que a falta de empatia da família atrapalhe o processo de interação, confiança e socialização entre todos os envolvidos, já que o comportamento e as atitudes não condizem com o que a sociedade prega, como salienta Schmidt (2010 p.84-85):

As características das crianças com autismo parecem ter grande impacto no sistema familiar. Os comprometimentos dessas crianças afetam a reciprocidade na relação com os demais e a capacidade de comunicação, o que pode gerar uma frustração nos pais. Além disso, a presença de

interesses e atividades restritas, estereotipados e repetitivos também tendem a ser como um estressor.

Muitas famílias não sabem como estabelecer uma proximidade com crianças autistas, principalmente quando se trata de caso de algumas mães chamadas por especialistas de mães geladeiras, as quais não manifestam sentimento algum por seus filhos e, por essa razão, os enxergam como um problema, empecilho e, em alguns casos mais graves, dá-se o abandono familiar, complicando ainda mais a situação da criança autista.

Um dos muitos desafios que os discentes enfrentam nesse processo de inclusão vem justamente da família, que não confia que seus filhos possam aprender e buscar sua independência. Esse pensamento interfere diretamente na aprendizagem dos mesmos.

Nesse sentido, Silva (2011) comenta que os muitos obstáculos enfrentados pelos estudantes autistas acerca de sua aprendizagem vêm justamente pela falta de credibilidade da própria família, da sociedade e da comunidade escolar, vindo a prejudicar a aprendizagem e a socialização dos mesmos.

Uma das grandes barreiras que os discentes com deficiência enfrentam diariamente é, sem dúvida, a descrença da própria família acerca de sua aprendizagem. Muitos pais não acreditam que seus filhos autistas possam ser independentes, aprender e se socializarem, sendo que essas mesmas atitudes e comportamentos são vivenciados dentro da escola onde as práticas de professores e toda comunidade escolar devem ser mostradas de outras formas, já que a sociedade, em geral por falta de conhecimento e empatia, só colabora para que o preconceito e a exclusão permaneçam.

É necessário que a família aprenda não só a conviver mas, acreditar que o seu filho vai aprender e deve valorizar a sua aprendizagem, interagindo dentro e fora da escola, colaborando com as atividades que irão fazer com que desenvolvam suas capacidades. Em sua fala, Bassotto (2018) salienta que é papel da família participar do ambiente da escola, na promoção do desenvolvimento cognitivo e social dos discentes autistas, no processo de socialização dos mesmos, já que a escola é um ambiente desconhecido para os mesmos.

A autora enfatiza a importância da família em ser parceira da escola acerca da aprendizagem dos filhos com deficiência, de como essa junção pode beneficiar

o trabalho dos professores e trazer ganhos para que os referidos discentes possam ter um bom rendimento escolar no decorrer do ano letivo.

Um dos grandes entraves no processo de ensino e aprendizagem e inclusão escolar que os professores vivenciam diariamente diz respeito à participação ou não dos responsáveis pelos estudantes autistas em sala de aula regular, sendo que a ajuda dos pais corrobora para o bom andamento dos trabalhos que serão desenvolvidos em salas de aula regular.

No entanto, é prejudicial quando a família não colabora e ainda pior quando coloca sobre a escola a responsabilidade de educar os filhos autistas. Assim como os professores esbarram na falta de apoio por parte dessas famílias, por outro lado, muitos pais não sabem e tampouco se interessam para ajudar os filhos e os professores nesse processo, já que a troca de saberes é primordial para que o trabalho alcance os objetivos propostos por todos.

3.2 Quais as Contribuições do Atendimento Educacional Especializado na Aprendizagem dos Discentes com TEA?

Para o processo de uma aprendizagem satisfatória dos estudantes autistas, as salas de recursos são essenciais, pois auxiliam os professores, quando os referidos discentes não conseguem assimilar os conteúdos ministrados na sala de aula regular, visto que nem todos os autistas aprendem da mesma maneira ou que cada um tem o seu próprio ritmo, tempo e cognição.

O que se espera é que os professores da sala regular e os professores do Atendimento Especial Especializado trabalhem em conjunto e em harmonia no intuito de promover não só uma aprendizagem mais satisfatória, mas também um processo de inclusão mais humano.

A esse respeito, Menezes (2012) afirma sobre os benefícios do trabalho em conjunto, dos professores das salas regulares e do Atendimento Especial Especializado no quesito aprendizagem dos estudantes com TEA. Este trabalho necessita ser contínuo no decorrer do ano letivo, pois irá contribuir para que o processo de inclusão na sala ocorra de maneira mais justa e igualitária.

O autor ressalta a importância do Atendimento Educacional Especializado no que diz respeito à aprendizagem dos discentes com TEA, no sentido de que os

resultados a serem almejado só serão alcançados quando toda a escola trabalhar em conjunto com o intuito de facilitar a acessibilidade, direito e igualdade desses discentes, às salas de AEE por meio de laudos médicos comprobatórios ou não dos especialistas.

Uma das responsabilidades da família do discente autista é a de se fazer presente na escola no momento da matrícula, refletindo de maneira positiva nas práticas pedagógicas e conteúdos programáticos do professor em uma sala de aula regular, quando o discente não estiver assimilando conteúdo, dando a cobertura necessária do trabalho de acompanhamento do discente em conjunto com os professores e na AEE nos planejamentos de atividades adaptadas.

Como foi explicitado acima, o trabalho dos professores das salas de AEE tem papel primordial nos processos de ensino e de aprendizagem de alunos com TEA, pois contribuem de maneira pedagógica para que o rendimento escolar desse discente possa ser acrescido de maneira que o mesmo consiga aprender a desenvolver suas habilidades, potencialidades, cognição e, dessa forma, possibilitar sua inclusão em uma sala de aula regular, como sugere Lobato, 2021, p. 55-56):

Para contemplar o direito aos alunos da educação especial, o sistema educacional deve ofertar nas escolas regular a Sala de Recurso Multifuncional no contra turno da matrícula do aluno para atender suas necessidades educacionais especiais. Este ambiente é definido pelo Decreto nº 7.611/2011 como dotado de equipamento, mobiliários, materiais didáticos e pedagógicos, com profissionais especializados que possam atender este estudante no Atendimento Educacional Especializado (AEE), sendo criado para possibilitar a inclusão de estudantes com deficiências no ensino regular contribuindo para que possam acompanhar o conteúdo escolar com ajuda de profissionais especializados, materiais adequados e adaptados, além de ensino da Libras para o surdo e o Braille para o cego.

Todos os discentes com deficiências têm o direito de serem atendidos em salas de AEE por professores formados, preparados e aptos para atenderem suas necessidades educacionais especiais, com todo um aparato que oportunize seu processo de aprendizagem de maneira satisfatória.

Um dos grandes percalços enfrentados pelos professores do AEE é no que diz respeito a salas de recursos lotadas, devido à grande demanda de estudantes, principalmente autistas, já que alguns deles são sensíveis ao barulho, gritos e salas muito frias. O estresse é um dos fatores que atrapalham a aprendizagem dos mesmos.

Bianchi (2017) afirma que salas lotadas também são fatores que atrapalham o trabalho dos profissionais do AEE, que muitas vezes se encontram sobrecarregados e, com isso, não conseguem alcançar os resultados almejados com os referidos estudantes. O barulho e a agitação só contribuem para que os discentes autistas não consigam assimilar os conteúdos e, com isso, sua aprendizagem ficará prejudicada.

O mais apropriado para ambas as partes seria organizar uma quantidade de estudantes divididos por níveis que pudessem ser atendidos pelos professores do AEE na sala de recursos pois, dessa forma, fica mais flexível a compreensão, o entendimento e a aprendizagem desses estudantes, já que a concentração dos mesmos é primordial para que a aprendizagem possa ser concretizada, levando em consideração que o barulho é um dos desafios vivenciados por eles e, por essa razão, o silêncio é necessário para que a aprendizagem possa acontecer, sem deixar de mencionar que esses professores precisam ser formados em Educação Especial, perfil para atuarem em salas de recursos, preparados no planejamento de atividades adaptadas, buscando trabalhar em parceria com os professores das salas de aula regulares quando os estudantes autistas não estiverem assimilando os conteúdos.

O professor, por sua vez, não pode duvidar da potencialidade de um estudante autista em aprender um conteúdo, pois esse pensamento pode contribuir para que o estudante anule qualquer chance de demonstrar suas habilidades. Silva (2011) faz um alerta para aquele professor que se refere a um estudante autista como incapaz de ter habilidades para aprender e assimilar conteúdos. Agindo assim, o mesmo anula todas as oportunidades de alcançar resultados positivos com esse estudante.

O professor não pode, por motivo nenhum, deixar de acreditar no potencial de um estudante autista em aprender, pois diante dessa atitude, esse educador descompromissado estará contribuindo para o comprometimento acerca das habilidades e potencialidades em relação à aprendizagem do seu estudante, prejudicando o rendimento escolar do mesmo no decorrer do ano letivo.

3.3 Quais os desafios enfrentados por professores ao trabalharem a inclusão na sala de aula regular?

Ainda é nítida a dificuldade de professores que encontram barreiras no que diz respeito à interação com discentes autistas nas salas de aula regulares. Diante de suas fragilidades, surgem os seguintes questionamentos e indagações que os levam a refletir sobre como devem lidar com esse tipo de situação, de que maneira ensinar conteúdos para discentes que, na maioria das vezes, não conseguem assimilar as informações passadas pelo professor em sala, quando a maioria desses educadores não tem conhecimentos ou informações sobre o TEA e tampouco conhecem a realidade dos mesmos.

A esse respeito, Magalhães (2016), nas suas entrevistas com professores para compreender as dificuldades e avanços dos mesmos, constatou interesses por alguns educadores que alcançaram avanços no processo de inclusão e o desconhecimento de outros nesse assunto. Diante dessa problemática, faz-se necessário que se realize mais estudos voltados para as práticas pedagógicas e que sejam mediadas no ambiente escolar, procurando conhecer a realidade de cada estudante.

O autor observou, durante as suas entrevistas, que muitos professores não se sentem seguros ao trabalharem com discentes autistas, deixando nítido a sua falta de interesse, preparo, formação específica, conhecimentos etc. Entretanto, quando a escola está comprometida em auxiliar esses professores nesse trabalho na superação dos desafios e dificuldades, dando o suporte adequado, a aprendizagem dos referidos discentes será satisfatória.

Dessa forma, o sentimento do dever cumprido proporcionará ganhos para todos, pois quando o professor se dedica, sendo formado ou não em Educação Especial, está contribuindo para o bom rendimento escolar de seus discentes, compreendendo que a inclusão escolar é, na verdade, uma troca de saberes

3.4 Qual é o real conhecimento do professor a respeito do TEA?

Os professores de salas de aula regulares enfrentam diariamente uma sucessão de desafios no que diz respeito a ministrar aulas para discentes autistas, pois um dos grandes obstáculos desses educadores é fazer com que esse discente participe das aulas, faça as atividades, compreenda as informações, assimile os conteúdos e tenha um bom rendimento escolar no decorrer do ano letivo.

No entanto, a realidade é bem diferente do que se pensa, já que nem todos os educadores das salas regulares são formados em Educação Especial e não recebem uma formação específica e continua. A teoria agregada à prática contribui para uma aprendizagem mais satisfatória, contudo, a formação inicial para Barbosa (2003) se apresenta como necessária, capaz de dar suporte e preparar o professor para atuar na profissão.

Diante da grande demanda de discentes da Educação Especial nas instituições de ensino, fica evidente que o professor precisa de formação continua e específica, independentemente de sua área de formação, para atender às necessidades de discentes especiais, mais precisamente os autistas, pois os professores precisam conhecer e compreender de que maneira poderão ajudá-los acerca de suas dificuldades, potencialidades e habilidades, de acordo com o seu tempo, ritmo e cognição, contribuindo dessa forma para o seu processo de inclusão.

Uma das grandes reclamações vem por parte de professores que alegam não receberem informações suficientes acerca de discentes autistas incluídos na sala de aula regular. Muitos deles apresentam uma certa resistência por não saberem como lidar com esse tipo de situação, conforme descreve Cavaco (2009, p,121):

Se não podermos ignorar que o autismo existe, certamente podemos, enquanto educadores, procurar formas inovadoras, facilitadoras, diferenciadas e produtivas para a construção de uma melhor qualidade de vida para a criança com autismo." No caso específico, ela afirmou que, a princípio, começou a aprender na prática e só depois teve ajuda teórica e isso demonstra o quanto os professores chegam despreparados em sala de aula para lidar com estudantes com deficiência, como autismo.

É na prática que o professor que trabalha em uma sala de aula regular com estudantes autistas, visando compreender e facilitar o processo de ensino e aprendizagem desses alunos, buscará diariamente mecanismos que possam lhe auxiliar nesse processo e, dessa forma, poder contribuir para que a inclusão desses estudantes seja dada de maneira mais harmoniosa.

No entanto, para que isso possa vir a acontecer, é necessário que muitos obstáculos sejam vencidos, principalmente no que diz respeito à interação e socialização entre professor e estudante. Só assim os frutos poderão ser colhidos,

já que o trabalho precisa ser feito em conjunto, como atestam os professores que vivenciaram estas práticas educativas com discentes autistas.

Somente os professores que trabalham em salas de aula regulares, conhecem a verdadeira realidade de como é conviver com estudantes que não conseguem assimilar os conteúdos e informações no decorrer das aulas ministradas pelos educadores e, com isso, gerando um sentimento de angústia por não estarem conseguindo fazer o seu trabalho com mais precisão, o que impossibilita a aprendizagem de seus estudantes autistas como descreve Oliveira (2020, p. 86):

Através dessa fala, vê-se claramente aquilo que já foi discutido nessa dissertação, em momentos anteriores, no que diz respeito ao desamparo e à solidão que o corpo docente enfrenta no papel de inclusão do estudante com TEA e demais deficiências. Isso pode gerar um sentimento de angústia nos professores, que, sem saber como lidar com a situação, acabam por desistir de investir na relação professor/estudante, com isso, a inclusão e o aprendizado desse estudante acaba por ser negligenciados e impossibilitados.

Por essas razões e outras circunstâncias, professores não conseguem estabelecer uma interação professor/estudante, nem tampouco a inclusão escolar na sala de aula, já que se faz necessário dispor de conhecimentos, entendimento, compreensão e discernimento nos momentos em que esse estudante iniciar uma crise causada pelo seu desconforto por estar em uma sala de aula com os colegas, já que muitos estudantes têm sensibilidade com barulho, dificuldade de concentração e, em casos mais graves, podem apresentar comportamentos agressivos, levando o professor a se questionar se realmente está cumprindo o seu papel de educador com eficácia.

3.5 A escolha da temática e os seus objetivos

No decorrer das últimas décadas, os casos de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) vêm aumentando gradativamente no Brasil, não só pelo diagnóstico precoce, mas pelo acesso às informações a respeito de como fazer as intervenções necessárias de acordo com os níveis de autismo.

Por outro lado, a sociedade, como um todo, vem direcionando um olhar mais abrangente e menos preconceituoso acerca dessa problemática, que não escolhe classe social ou econômica. No entanto, ainda são nítidas as dificuldades e

barreiras encontradas por inúmeras famílias na busca por tratamento digno para os seus filhos, como salienta Helena Ho e Inês Dias (2011/12, p. 37):

Pouco a pouco, a barreira do diagnóstico vem sendo derrubada, apesar de ainda deixar muito a desejar: continua sendo comum mães procurarem uma explicação para as dificuldades do seu filho e não encontrarem respostas nos profissionais de saúde.

As autoras concordam que as barreiras acerca do diagnóstico precoce em relação aos autistas vêm sendo derrubadas de forma gradativa. No entanto, é necessário que mais conhecimentos a respeito do autismo e suas formas de intervenções sejam disseminados para auxiliar as famílias que vivenciam diariamente situações de desgastes emocionais, psicológicos e físicos, já que o autismo não escolhe classe social, econômica, cor, raça, crença ou cultura.

O que muitos não sabem é que o tratamento de pessoas com autismo é muito alto, o que impacta mais as famílias de baixa renda, que precisam de algum auxílio financeiro no custeio de consultas, exames e remédios, os quais, muitos pais sequer conseguem obter, pelo seu alto valor.

Por essa razão, a Lei 12764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, que garante os direitos das pessoas com Transtorno do Espectro Autista, foi criada para respaldar esses direitos dos autistas ao diagnóstico precoce, tratamento e medicamentos pelo Sistema Único de Saúde (SUS). No entanto, nos dias de hoje, é nítida a falta de conhecimento e informações de muitas famílias que, por não conhecerem os direitos das pessoas com autismo, sempre dependerão do apoio de instituições para os ajudarem e esclarecer suas dúvidas. Helena Ho e Inês Dias (2011, p. 37) afirmam que:

O impacto do autismo sobre as famílias é muito grande dos pontos de vista emocional, social e econômico. Pouquíssimas famílias têm condições econômicas de arcar com o custo do tratamento adequado e, para atender as necessidades geradas pelo autismo todas elas dependerão, em algum momento, de algum tipo de apoio institucional.

As autoras ressaltam que o tratamento adequado que as pessoas com autismo precisam ter, para que possam usufruir de uma qualidade de vida mais saudável, tem um custo muito alto e, por essa razão, muitas famílias ficam em situações difíceis, pois, em sua grande maioria, são famílias de baixa renda e sem conhecimentos dos direitos que os autistas têm.

Sem essas informações importantes, fica mais difícil um diagnóstico precoce e um tratamento adequado, sendo primordial que se trabalhe de maneira mais abrangente a conscientização e a disseminação de mais informações e conhecimentos acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sobre as pessoas com autismo por parte dos órgãos competentes, visando mais esclarecimentos não só a sociedade mas, principalmente às famílias dos autistas, para não gerar consequências dolorosas por falta dessas informações.

As consequências dessa falta de conhecimento geram os mais variados tipos de comportamentos e atitudes preconceituosas e pejorativas para com os mesmos. Por essa razão, somos instigados a conhecer e compreender os muitos desafios vivenciados pelas pessoas diagnosticadas com TEA, com o objetivo de que nossas pesquisas possam contribuir com a disseminação de conhecimentos acerca da problemática em questão, com o intuito de conscientizar aqueles que ainda não conhecem e tão pouco respeitam as pessoas com autismo.

A escolha d'essa temática vai de encontro com a realidade de inúmeras famílias que diariamente vivenciam muitos desafios ao buscarem um atendimento mais igualitário para as pessoas com Transtorno do Espectro Autista que, por diversas vezes, esbarram na burocracia e na falta de informações que dificultam o atendimento mais preciso para os mesmos.

Desta forma, a relevância desse estudo é de suma importância, com qual a pesquisadora anseia compartilhar informações com as famílias que os desconhecem, podendo, assim, contribuir para que saibam dos direitos dos filhos que possuem alguma deficiência ou necessidade específica de atendimento, não somente no ambiente escolar, mas em diversos segmentos da sociedade.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi de cunho qualitativa, contendo as fases exploratórias, tendo como objetivo principal averiguar e analisar os diversos desafios vivenciados pelos docentes que atendem alunos com TEA nas Escolas Municipais de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tendo sido escolhido como lócus da pesquisa duas escolas da rede pública de ensino do município de Humaitá-AM.

Inicialmente, começamos com a coleta de dados, por intermédio de ofícios direcionados à Secretaria Municipal de Educação (SEMED), onde buscamos

investigar as instituições de ensino que atendiam estudantes autistas e os desafios dos docentes, no que diz respeito a interação, socialização, convivência dos autistas e aos processos de ensino e de aprendizagem no decorrer do ano letivo.

Em seguida, investigou-se a quantidade de discentes autistas matriculados em cada escola para, dessa forma, focar a pesquisa nas instituições de ensino onde a demanda fosse maior, finalizando-se com a aplicação de entrevista semiestruturada, com a análise e a interpretação dos resultados obtidos por intermédio dos participantes que se dispuseram a contribuir com essa pesquisa.

4.1 Fases da Pesquisa

Para que o trabalho de pesquisa fosse realizado com notoriedade, foram levados em consideração fatores que nos direcionaram aos objetivos que almejávamos alcançar no decorrer desta investigação, e um dos fatores acima mencionados foi justamente sobre quais recursos e de que maneira eles seriam utilizados na obtenção das informações para que os resultados esperados fossem apresentados ao final desse processo.

Com vistas a cumprir com o rigor ético e científico, o projeto de pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), tendo como instituição proponente o IEAA. Após as correções sugeridas pelos pareceristas, o projeto foi aprovado conforme Parecer Consubstanciado do CEP, sob o CAAE: 86845625.3.0000.5020.

Com relação às etapas desta investigação, esta pesquisa dividiu-se em três etapas distribuídas em diário de campo, observação e entrevista semiestruturada, conforme será abordado nos tópicos seguintes.

4.1.1 Diário de Campo

Um pesquisador que busca obter um bom resultado acerca do seu trabalho, precisa estar acompanhado de seu diário e caneta, pois esses instrumentos lhe garantirão descrever todos os acontecimentos que lhe permitirão aguçar as suas percepções através de suas observações.

Para Bogdan e Biklen (2006), é primordial a importância de se descrever todos os momentos e acontecimentos que irão mudar a maneira de pensar e compreender uma situação ou seu posicionamento.

Na fala dos autores, fica nítida a importância de que o pesquisador precisa estar atento a todos os acontecimentos ao seu redor e aos questionamentos surgidos no decorrer de suas observações, para que não venha a tomar conclusões precipitadas e nem fazer julgamentos errôneos.

4.1.2 Observação

A observação é um dos instrumentos fundamentais para que o pesquisador possa registrar os acontecimentos, construir hipóteses, formular problemas e analisar possíveis respostas para os seus questionamentos, permitindo-lhe assimilar os conhecimentos para sua vida diária e científica, como ressalta Gil (2008, p. 119):

A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa. Desde a formulação do problema, passando pela construção das hipóteses, coleta, análise e interpretação dos dados, a observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa. É, todavia, na fase de coleta de dados que seu papel se torna mais evidente. A observação é sempre utilizada nessa etapa, conjugada a outras técnicas ou utilizada de forma exclusiva. Por ser utilizada, exclusivamente, para obtenção de dados em muitas pesquisas, e por estar presente também em outros momentos da pesquisa, a observação chega mesmo a ser considerada como método de investigação.

O autor salienta que a observação é primordial para que o pesquisador venha a alcançar os resultados propostos acerca do seu trabalho pois, através dessa técnica, é possível adquirir as respostas a que se propõe diante dos seus questionamentos, já que não se chega ao resultado final de um estudo sem o processo de observação.

4.1.3 Entrevista Semiestruturada

Para Gil (2002), as entrevistas semiestruturadas geralmente beneficiam ambas as partes no momento da obtenção das informações, já que as perguntas podem ser feitas de forma mais flexível e as respostas podem ser dadas de forma mais expressivas pelo entrevistado, trazendo mais clareza acerca da formulação das perguntas sobre o que se pretende descobrir.

O autor ressalta a importância de se refletir o que realmente o entrevistador deseja descobrir por meio da entrevista, no entanto, faz-se necessário ter um olhar aguçado com o que vai ser perguntado, para evitar possíveis constrangimentos.

O referido estudo exigiu que a pesquisadora tivesse clareza sobre a problemática almejada. No entanto, foi necessário que a mesma considerasse, junto com sua orientadora, tanto o tema quanto a elaboração de perguntas que vieram a ser direcionadas aos participantes ou sujeitos desta pesquisa, de acordo com a temática abordada. A seleção das leituras, fundamentada em autores e pesquisas que tratam da temática, trouxeram aportes necessários e de grande relevância para alcançarmos os resultados que traremos mais adiante.

Nesse contexto, o planejamento de cada momento, em parceria com a orientadora, foi fundamental, ou seja, as etapas foram detalhadamente delineadas e anunciadas para cada parte do trabalho, desde o referencial teórico até a construção de métodos de coleta e análises de dados, considerando a singularidade do objeto de estudo. Por isso, a abordagem qualitativa foi a que se adotou, a qual, segundo Martins (2004, p. 289- 300):

Lembra como a pesquisa qualitativa gera uma série de questões éticas que estão relacionadas à proximidade que é criada entre o pesquisador e pesquisados. Um nível de controle das ações previstas é garantido com sua tramitação pelos comitês de ética que estabelecem exigências para os trabalhos que usam ferramentas qualitativas envolvendo seres humanos. A aceitação para participar das pesquisas e o conhecimento, por parte dos pesquisados, de seus objetivos, é uma exigência básica.

Dessa forma, o estudo em si, constituiu-se de uma aproximação construída e alicerçada através de confiança, respeito e postura ética da pesquisadora diante dos dados que foram se revelando durante as etapas. Esses elementos possibilitam o foco nos objetivos a serem alcançados e estabelecem uma relação interpessoal com discrição e sigilo entre todos os envolvidos do estudo.

4.2 Cenário e sujeitos do estudo

O contexto de investigação para o desenvolvimento deste estudo deu-se no município de Humaitá-AM, que está localizado no sul do Amazonas, às margens do caudaloso Rio Madeira, que passa em frente à igreja matriz de Nossa Senhora Imaculada Conceição.

Figura 1: Orla Portuária de Humaitá/AM



Fonte: Humaitá-AM Oficial¹ (2024)

Segundo o último censo realizado pelo IBGE em 2022², a população de Humaitá é de 57.473 habitantes, o que representa um aumento de 29,95% em comparação com o censo de 2010. A cidade de Humaitá tem 69% da população residindo na zona urbana, com mais de 65% de pessoas declaradas negras (pretos e pardos) e 3,2% declaradas indígenas.

Conforme podemos constatar na Figura 2, a cidade de Humaitá está localizada a quase 700 quilômetros da cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, estando mais próxima da capital de Rondônia, a cidade de Porto Velho, que fica a cerca de 200 quilômetros.

Figura 2 - Mapa do Estado do Amazonas

¹ **Humaitá-AM - Oficial**. Disponível em: <https://x.com/HumaitaAmazonas/status/1112860204306190338>. Acesso em 18 jun. 2024.

² IBGE. **Cidades e Estados**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/am/humaita.html>. Acesso em: 20 jun. 2024.



Fonte: Adaptado pela Pesquisadora (2024), retirado do Blog de Geografia³

Humaitá remonta suas origens ao ano de 1693, com a fundação da Missão de São Francisco, fundada pelos jesuítas no Rio Preto, afluente do Rio Madeira. Os primeiros habitantes da região foram os indígenas. Os Rios Maici e Marmelo, também chamados de Rios Torá e Tenharim, abrigavam a maior parte das etnias indígenas que povoavam o lugar. As principais etnias que habitavam a região eram os Parintintins, Pamar, Arara e os Mura.

José Francisco Monteiro, comerciante, foi um dos primeiros colonizadores da localidade⁴, que chegou à região em busca de riquezas. Sua chegada deu-se em 15 de maio de 1869. Nesta época, a Missão de São Francisco, fundada pelos jesuítas em 1693, estava instalada num lugar chamado Pasto Grande, no Rio Preto, próximo à atual cidade⁵.

Por conta dos constantes ataques dos indígenas, a sede da Freguesia foi transferida em 1888 para o lugar onde hoje está a sede do município, com o nome de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Beem de Humaitá. A transferência aconteceu por força da Lei de nº 790/1888.

Francisco Monteiro é considerado o fundador de Humaitá. O município foi criado pelo Decreto Nº 31 de 4 de fevereiro de 1890, tendo sua área territorial

³ Disponível em: <https://suburbanodigital.blogspot.com/2018/02/mapa-do-amazonas.html>. Acesso em: 29 jun. 2024.

⁴ **Histórico da Cidade.** Siqueira Tur Net. Disponível em: <https://www.siqueiratur.net/historia-e-geografia/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

⁵ **Histórico de Humaitá.** 54º Batalhão de Infantaria de Selva. Disponível em: <https://54bis.eb.mil.br/historico-da-cidade.html>. Acesso em: 13 jun. 2024.

desmembrada do município vizinho de Manicoré. Em outubro de 1894, no auge do Ciclo da Borracha, Humaitá é elevada à categoria de cidade.

Em outubro de 1913, foi desmembrada de Humaitá, a área onde está a cidade de Porto Velho (RO). Também chamada de “Terra da Mangaba”, Humaitá é o berço cultural do Estado. Já teve a quinta mais importante biblioteca do país, cujo nome foi dado em homenagem ao vate português Ferreira de Castro, que se iniciou na literatura quando morava no seringal “Paraíso”.

São também seus filhos ilustres: Álvaro Botelho Maia, ex-governador, ex-senador e escritor, e Almino Afonso, ex-Ministro do Trabalho, deputado federal e governador por duas vezes. Face a sua grandiosidade, o município de Humaitá tem acompanhado as ondas de desenvolvimento do Estado.

Durante o primeiro econômico, o Ciclo da Borracha, os seringais eram explorados por profissionais experientes, proporcionando à cidade a circulação de moeda comparável à da capital amazonense. Com o arrefecimento do valor do látex, Humaitá viu-se impulsionada pelo segundo ciclo econômico, o ciclo da franquia da importação. A BR-230 faz a ligação com Manaus, sendo o portão de entrada terrestre no Amazonas. Humaitá viveu dias áureos acompanhando o desenvolvimento garantido pela Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA).

Com o fechamento da BR 319, na última década, o município permaneceu adormecido. Atualmente, abre-se uma nova fronteira agrícola com os campos naturais de Humaitá, que já forneceram ao Estado uma safra recorde de grãos (soja, arroz, milho) e hortaliças entrando, dessa forma, no terceiro ciclo econômico, o ciclo agropecuário.

Humaitá está situado no entroncamento entre as rodovias BR-230 (Transamazônica) e a BR-319 (Manaus-Porto Velho), sendo uma das principais cidades da hidrovia homônima. A cidade faz parte do chamado “Arco Norte Amazônico”, com grande potencial agropecuário e logístico.

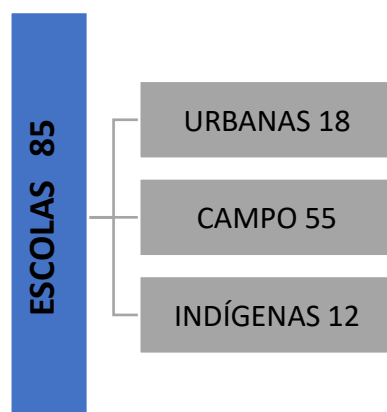
Figura 3: Pórtico de Entrada da Cidade de Humaitá-AM



Fonte: Pórtico de Entrada de Humaitá/AM. Foto: Abimael Alerander⁶

O município de Humaitá está composto por 85 escolas que abrangem as áreas urbana, campo e comunidades indígenas, que atendem nas modalidades de: Educação Infantil, Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano e Educação de Jovens e Adultos (EJA) todas da rede pública municipal de ensino, sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), as quais atendem estudantes com deficiência, em sua maioria, discentes com TEA.

Figura 4 – Quantidade de Escolas Municipais



Fonte: construído pela pesquisadora e orientadora (2024)

⁶ **Blog Férias Tur.** Disponível em: <https://www.ferias.tur.br/fotogr/159399/humaita-am-porticodeentrada-fotoabimaelalernander/humaita/>. Acesso em 29 jun. 2024.

A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas, sendo uma de Ensino Fundamental I e II e a outra em uma escola de Educação Infantil, a qual se deu nos meses de setembro a dezembro de 2024, sendo que as escolas escolhidas foram aquelas onde a demanda de estudantes autistas era maior, conforme orientações e informações cedidas por intermédio da Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Humaitá/AM. Por se tratar de uma pesquisa de campo, foi utilizado como critério de escolha as duas escolas que tiveram o maior número de alunos autistas atendidos.

5 CONVERSA INICIAL SOBRE AS ESCOLAS MUNICIPAIS QUE ATENDEM ALUNOS COM TEA DE HUMAITÁ

Nesta sessão, foram apresentados os dados construídos e devidamente planejados para esta etapa da investigação, considerando que são informações que foram gentilmente fornecidas pela Coordenadora da Educação Especial que trabalha na SEMED.

Na primeira tabela, apresentamos as informações pertinentes às escolas públicas de Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II da rede de ensino da zona urbana da cidade de Humaitá/AM, de discentes com autismo e atendimentos em salas de AEE nas suas respectivas escolas.

No momento da coleta dos dados, localizou-se uma escola que ainda não possuía sala de recursos e nem profissionais de AEE. Por essa razão, os estudantes da referida escola foram atendidos em outra escola: a Escola Municipal Linda Lúcia Souza de Miranda. Entretanto, diante da constante demanda de estudantes autistas e esforços por parte da gestão e do órgão mantenedor, a referida escola foi contemplada com uma SRM e professores para organizar o AEE, facilitando o atendimento dos mesmos.

Tabela 1 – Alunos com TEA matriculados nas escolas da zona urbana

Escolas Municipais	Quant.	Com laudo	Sem laudo	Sala de Recursos
Aurea Ferreira Cação	14	11	3	1
Canaã	6	6		1
Dom Bosco	6	4	2	1

Edmê Monteiro Brasil	7	7		1
Gilberto Mestrinho	2	1	1	1
Irmã Carmem Cronenbold	10	9	1	1
José Cezário Menezes de Barros	6	5	1	1
Jonecy Alves Ferreira	3	2	1	1
Lindalva Guerra de Souza	4	4		1
Linda Lúcia de Souza Miranda	13	10	3	1
Maria Bonfim Santiago da Cruz	5	5	-	1
Marlucia Gomes de Oliveira	15	10	5	1
Marta Macedo da Silva	11	10	1	1
Nossa Senhora do Carmo	11	7	4	1
Rosa de Sarón	11	7	4	1
São Francisco	9	7	2	1
Tancredo Neves	3	1	2	1

Fonte: I EducAR- Dados construídos pela pesquisadora em março de 2024

Na segunda tabela, apresentamos as Escolas do Campo com discentes autistas. Todavia, é importante salientar que estas informações são de março de 2024. Até a finalização da pesquisa, não foi possível obter informações de como funcionariam as salas de recursos para os atendimentos dos referidos discentes.

Tabela 2 – Alunos com TEA matriculados nas Escolas do Campo

Escolas da Zona Rural com discentes com Autismo	Quant.	Com laudo	Sem Laudo	Sala de recurso
José de Souza Mota	3		3	
Santa Rosa	1		1	
Manoel de Oliveira dos Santos	5	4	1	

Fonte: I EducAR- Dados construídos pela pesquisadora em março de 2024

Na Tabela 3, temos as escolas Indígenas com discentes autistas, com dados do censo de 2024.

Tabela 3 – Alunos com TEA Matriculados nas Escolas das Comunidades Indígenas

Escolas Indígenas com discentes com Autismo	Quant.	Com laudo	Sem Laudo	Sala de recurso
Francisco Meireles	1	-	1	
São José	2	-	2	

Fonte: I Educar- Dados construídos pela pesquisadora em março de 2024

Nas 85 escolas da rede municipal de ensino no município de Humaitá-Amazonas, distribuídas nas áreas urbana, rural e indígena, tem-se o total de 199 discentes com autismo nas escolas da área urbana e somente 170 discentes apresentaram laudos médicos nas escolas e creches, contra 29 discentes que não apresentaram tais documentos.

Diante desses dados, observou-se, com mais clareza, como as escolas estão cada vez mais necessitadas de profissionais com especialização e formação continuada em Educação Especial e Inclusiva, para que os atendimentos desses estudantes com deficiências sejam melhor estruturados e planejados.

Outro ponto que cabe ressaltar está relacionado com a demanda, pois é perceptível que cresce a cada ano, e há carência de maior estrutura nas escolas como: recursos financeiros, materiais didáticos e adaptáveis, salas de recursos com profissionais especializados para dar um suporte necessário para os discentes, não apenas aos autistas, mas também aos outros discentes com deficiência, pois, diante das necessidades tão diversas de adaptação, não só os rendimentos escolares dos mesmos estarão comprometidos.

5.1 Conhecendo as escolas que atendem alunos com TEA

Na coleta de dados feita nas escolas da rede pública de ensino do município de Humaitá-AM, sobre os estudantes matriculados e diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista, foi revelado pela Gerente da Educação Especial que a demanda aumentou em 2024, principalmente nas creches municipais, nas faixa etárias de 2 a 3 anos e de 4 a 5 anos, seguido das escolas que ofertam a Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II, sem deixar de mencionar que as Escolas do Campo e Escolas Indígenas também apresentaram um número considerável de estudantes autistas matriculados.

Estas informações foram adquiridas e atualizadas até 28 de dezembro de 2024, e estão de acordo com o mapeamento feito pelas coordenações das seguintes áreas: urbana, campo e indígena, através de documento enviado à

Secretaria Municipal de Educação (SEMED), concedida através da autorização da então secretária de Educação, a Sra. Arnaldina do Socorro Chagas, já que o censo escolar só iria acontecer nas escolas no mês de maio do ano de 2025, quando este estudo já teria sido concluído.

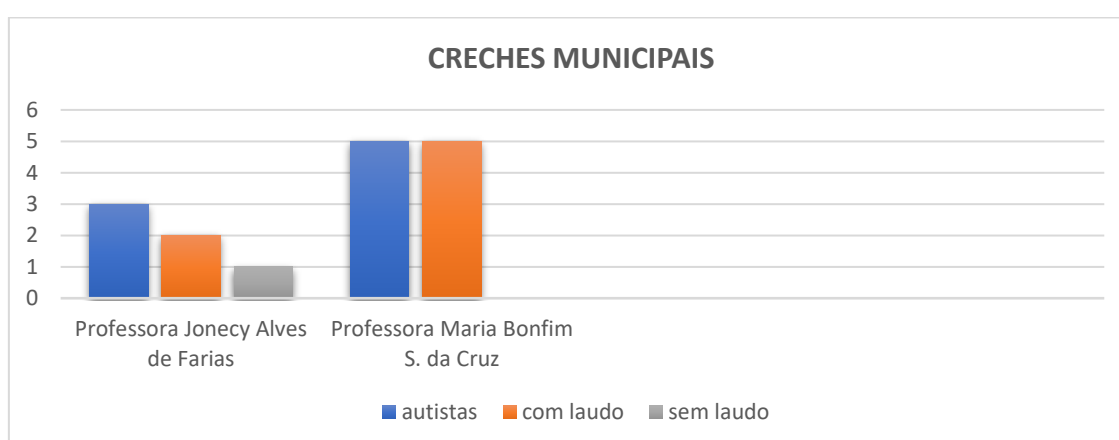
Sendo assim, no momento da pesquisa, as escolas da área urbana disponibilizam de 16 salas de AEE, com 18 professores trabalhando 40 horas e apenas 02 professores 20 horas, contudo, há indicação que serão atendidos 346 estudantes nas salas de AEE e, destes, 132 são de estudantes autistas. Desses, 106 apresentaram os laudos comprobatórios, enquanto que 26 ainda estão sem laudo.

A respeito das escolas do campo, há disponibilidade de 03 salas de AEE, com 03 professores trabalhando 40 horas, sendo que 21 estudantes são atendidos nas salas de AEE e, desses 21, o total de 10 são de estudantes autistas, sendo que somente 05 apresentaram os laudos comprobatórios enquanto que os demais não haviam entregado seus laudos até o término da pesquisa.

Por sua vez, as escolas das comunidades indígenas não dispõem de salas de AEE e nem professores especializados para os três estudantes indígenas autistas (ainda sem laudos).

Através desse mapeamento, foi possível confirmar que em todas as escolas da rede pública de ensino que estão sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Educação, consta um total de 199 estudantes autistas matriculados (170 com laudos comprobatórios e 29 sem).

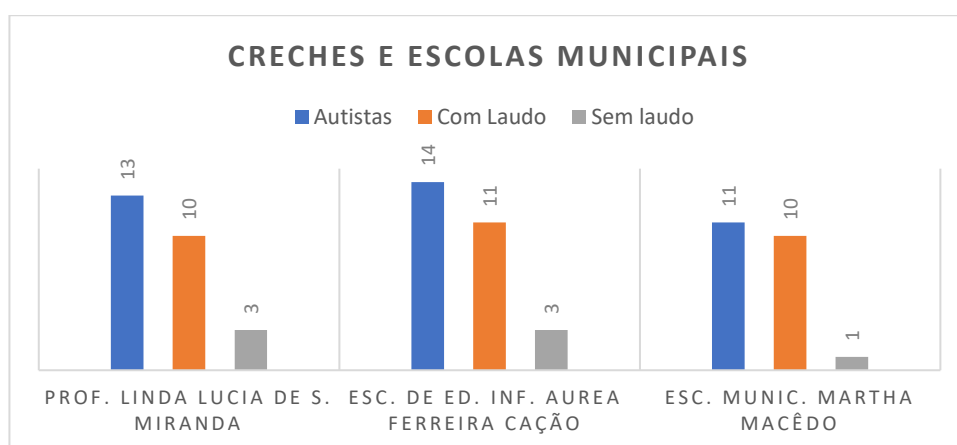
Gráfico 1: Creches com alunos Autistas de 2 e 3 anos Matriculados



Fonte: I Educar - Dados construídos pela pesquisadora em março de 2024

No primeiro gráfico, observa-se nitidamente que a grande demanda de estudantes autistas matriculados no início do ano letivo de 2024 vem se confirmando nas creches municipais na faixa etária que vai dos 2 a 3 anos de idade, segundo informações da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), gerando uma certa preocupação acerca dos processos de ensino e de aprendizagem dos referidos estudantes em relação às salas de recursos, cuidadores, professores formados na área da Educação Especial e específica para atuarem nas salas de aula regulares e profissionais do Atendimento Educacional Especializado.

Gráfico 2: Creches e Escolas Municipais com autistas matriculados



Fonte: I Educar - Dados construídos pela pesquisadora em março de 2024.

O gráfico seguinte mostra novamente, de forma bem contundente, um grande percentual de estudantes autistas matriculados em creches municipais no início do ano letivo de 2024 na faixa etária que vai de 4 a 5 anos, trazendo alguns questionamentos em relação de como deveria ser o acolhimento desses estudantes por parte dos professores, gestão, equipe pedagógica e comunidade escolar com o propósito de garantir, na forma da lei, o seu direito a acessibilidade às salas de AEE.

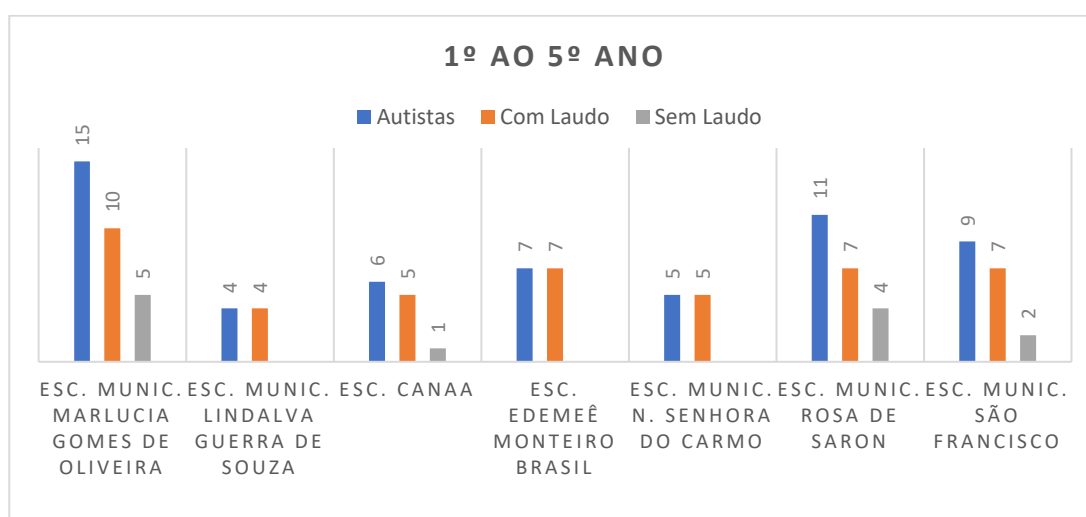
A grande queixa de alguns educadores se dá justamente em não saber como trabalhar com estudantes autistas. Alguns desses profissionais declaram não ter formação na referida área. Por essa razão, muitos profissionais terão muitos desafios a serem vencidos no decorrer de sua jornada, sendo postos diante de seus limites na busca de novos saberes, trabalhando para alcançar o real objetivo

que será fazer com que o seu estudante goste de aprender, como propõe Lobato (2021, p. 18):

Por certo, a sala de aula é um ambiente desafiador, pois para a inclusão de todos em sala regular não é um processo fácil. Neste sentido, é importante que se conheça as limitações da própria profissão; todavia, é gratificante quando se percebe os resultados de um trabalho feito com dedicação e compromisso.

Desta forma, se reconhece que a trajetória de um educador no decorrer de sua jornada não é fácil, porém, se o mesmo se dedica e vai em busca de conhecimentos, certamente as aprendizagens virão e, com isso, ambos construirão novos saberes acerca de práticas pedagógicas pautadas numa inclusão mais igualitária.

Gráfico 3: Escolas Municipais do 1º ao 5º ano com autistas matriculados

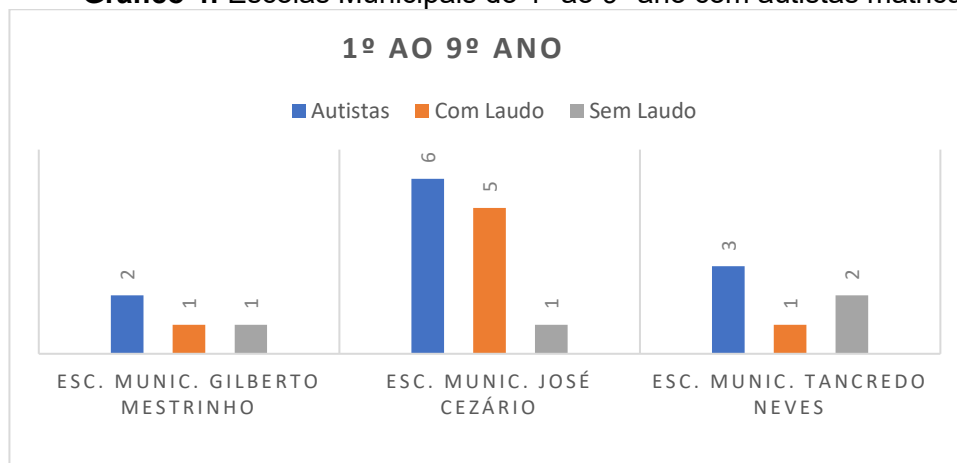


Fonte: I EducAR - Dados construídos pela pesquisadora em março de 2024

No gráfico a seguir, pode-se visualizar o aumento da demanda de estudantes autistas matriculados no início do ano letivo de 2024 nos Anos Iniciais, que vai do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I, nas escolas da rede pública de ensino. Diante desse quadro, fica claro de que as escolas necessitam de um olhar mais aguçado por parte do órgão competente, no sentido de que os profissionais que atuam diretamente com os estudantes com deficiência precisam de um suporte mais eficaz com respeito à aprendizagem dos referidos estudantes, no caso, uma formação contínua e específica na área da Educação Especial para que, assim, os

professores possam desenvolver com mais empenho o seu trabalho e proporcionar uma inclusão mais justa na sala de aula.

Gráfico 4: Escolas Municipais do 1º ao 9º ano com autistas matriculados



Fonte: I Educac - Dados construídos pela pesquisadora em março de 2024

O Gráfico 4 também mostra discentes autistas matriculados no Ensino Fundamental II, na faixa etária que vai do 6º ao 9º ano. Da mesma forma como anteriormente foi mencionado, o ano letivo de 2024 iniciou com uma grande demanda de estudantes matriculados e, por essa razão, houve muita preocupação entre os educadores.

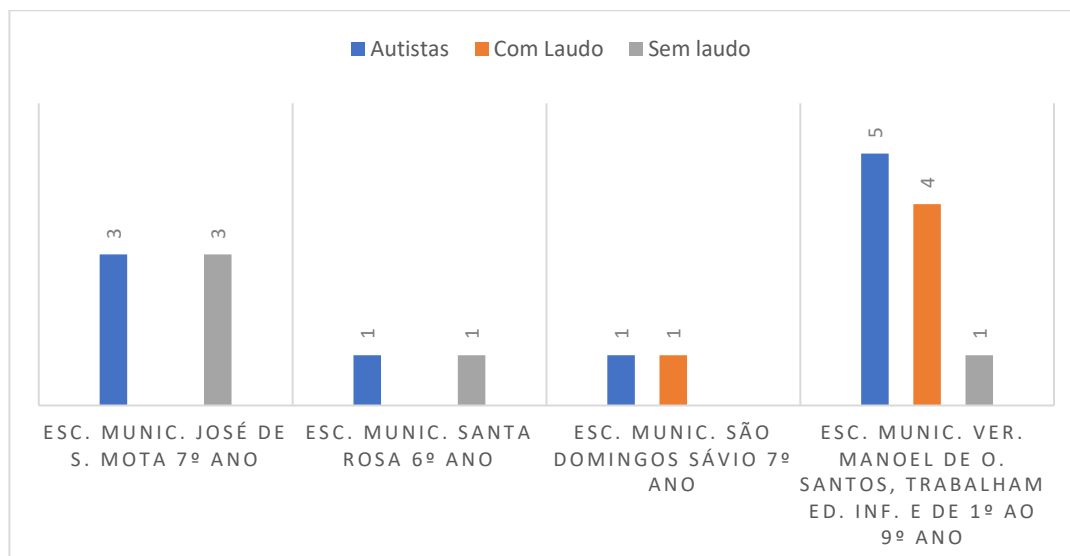
Considerando que os referidos estudantes têm o seu direito garantido por lei de serem matriculados e assistidos por profissionais aptos e preparados que irão contribuir no seu processo de aprendizagem no decorrer do ano letivo, alcançar os objetivos que foram propostos pela escola exige que o primeiro passo seja dado acerca de uma inclusão mais humana por parte de todos os envolvidos dentro do contexto escolar. Para Lobato, 2021, p. 20):

A inclusão é um desafio que está presente no cotidiano escolar e exige não apenas dos professores ações inclusivas, mas o envolvimento de todos os que dela fazem parte, proporcionando vivências que contribuam para este processo e, incluir a pessoa com TEA (Transtorno do Espectro Autista), ainda é um desafio constante que exige de todos maior engajamento em prol desta causa.

A inclusão deixará de ser um desafio quando realmente as pessoas conhecerem, compreenderem e respeitarem o real significado dessa palavra, já que muitos dos obstáculos encontrados pela escola, gestão, equipe pedagógica, família e sociedade é justamente não saberem como conviver, respeitar, acolher e

incluir da maneira mais humana possível, contribuindo para que os mesmos se sintam como parte de um todo.

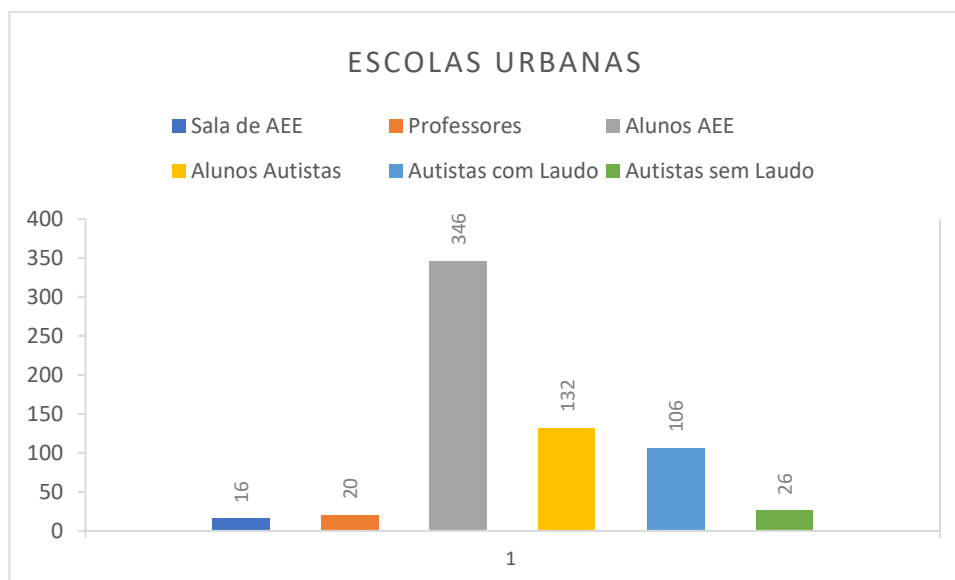
Gráfico 5: Escolas do Campo com Autistas Matriculados



Fonte: I Educar - Dados construídos pela pesquisadora em março de 2024

As escolas do campo não são diferentes das escolas da área urbana em relação aos estudantes autistas matriculados no ano letivo de 2024, segundo as informações da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), porém, esses estudantes precisam dos mesmos recursos, profissionais preparados para atendê-los, proporcionando uma aprendizagem mais satisfatória e um resultado mais eficaz.

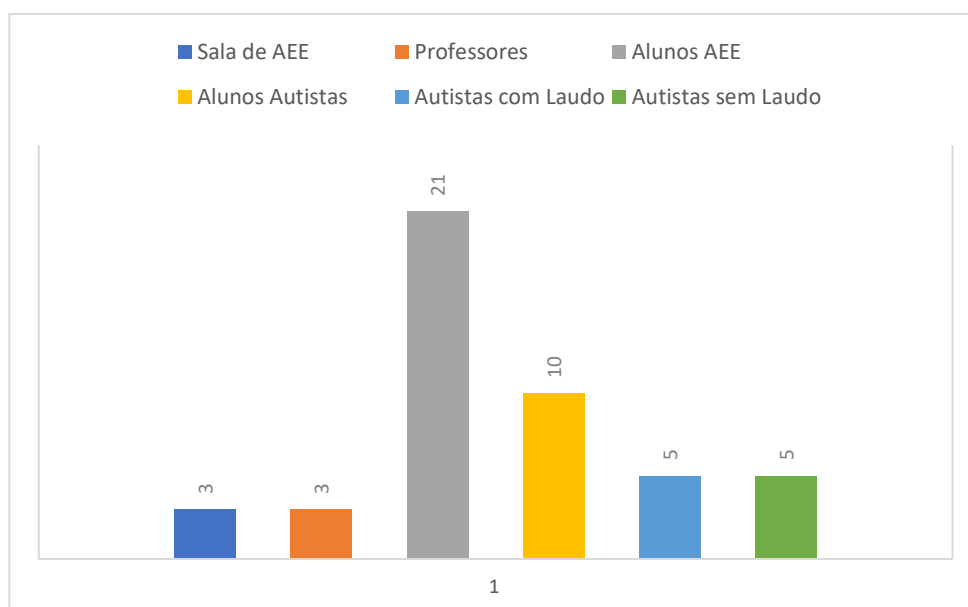
Gráfico 6: Escolas Municipais com estudantes com (TEA) Matriculados nas Creches, Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II



Fonte: I Educar- Dados construídos pela pesquisadora em março de 2024

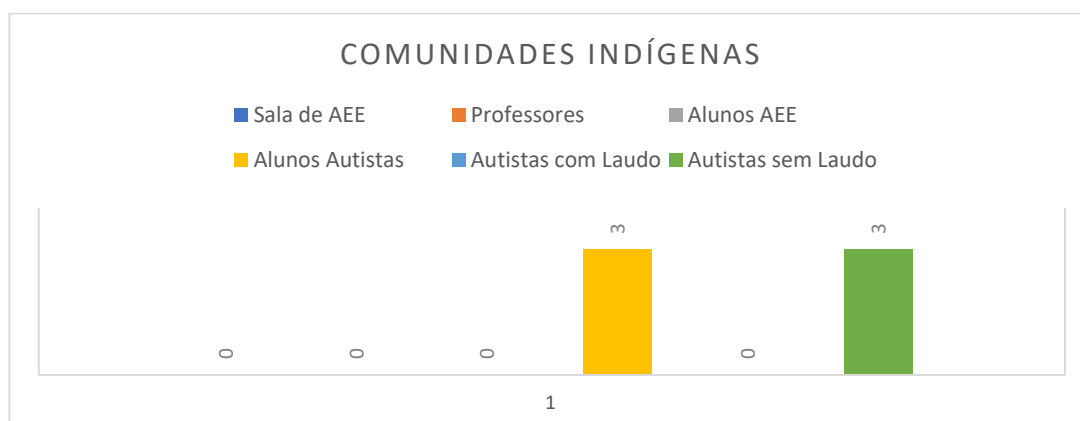
Diante das informações que o Gráfico 6 apresenta, ficou nítido que as escolas da rede municipal de ensino que fazem parte da área urbana receberam uma grande demanda de estudantes autistas matriculados no início do ano letivo de 2024, os quais foram distribuídos em Creches, Educação Infantil e Ensino Fundamental I e II. Os avanços no processo de aprendizagem dos referidos estudantes resultaram de um trabalho participativo entre os profissionais das salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), equipe pedagógica, gestão e família, auxiliando os professores das salas regulares no andamento de suas práticas pedagógicas,

A forma mais adequada de ajudar os estudantes autistas a assimilarem os conteúdos, já que a escola tem a responsabilidade de oferecer um ambiente favorável para aprendizagem desses discentes, se dá através da socialização, interação e respeito às diversidades dos mesmos, direitos esses adquiridos através da aprovação da Lei Berenice Piana de nº12.764/2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos das Pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A lei traz em seu teor direitos na área de saúde (diagnóstico precoce, tratamentos e medicamentos fornecidos pelo SUS); na educação (reconhecer as necessidades educacionais, com a especificidade de cada aluno) e na proteção social.

Gráfico 7 - Escolas do Campo

Fonte: I Educar - Dados construídos pela pesquisadora em março de 2024

Esse gráfico mostra que as escolas do campo fizeram os atendimentos nas referidas escolas à medida do possível, já que o número de profissionais nesse campo de trabalho era reduzido.

Gráfico 8 – Escolas Indígenas

Fonte: I Educar- Dados construídos pela pesquisadora em março de 2024

O Gráfico 8 mostra uma porcentagem mínima de estudantes indígenas autistas, sem salas de AEE e nem profissionais especializados para seu atendimento.

Um dos pontos positivos para a aprendizagem dos estudantes com autismo diz respeito à formação continuada do professor que vai trabalhar em uma sala de aula regular com o propósito de atender as necessidades educacionais de alunos

com deficiência, ou seja, estudantes com autismo, pois sem uma formação continuada na área da Educação Especial, o professor não terá como proporcionar ao estudante assimilar com flexibilidades os conteúdos que serão passados pelo professor.

Será mais um desafio para esse educador, que já enfrenta vários obstáculos no decorrer da sua trajetória profissional. Por essa razão, faz-se necessário que o mesmo passe por uma formação específica, pois o seu conhecimento irá contribuir para com as suas práticas pedagógicas dentro da sala de aula, cabendo a ele ser o mediador desse processo de inclusão, conforme afirma Lobato (2021, p.32):

A formação é importante para que o professor conheça e compreenda as necessidades educacionais de seus alunos, como ocorre o processo de ensino e aprendizagem desses, além de contribuir para que se elabore ações inclusivas nas atividades dentro e fora de sala de aula.

A autora ressalta a importância de uma formação inicial para a carreira do educador, já que é nítido o despreparo de alguns professores ao conviver com discentes com deficiência na sala de aula regular, pois não só o professor precisa conhecer o seu estudante autista, como também a escola, gestão, equipe pedagógica e a família. Só assim a assimilação de saberes será possível para que a aprendizagem possa acontecer de maneira mais satisfatória para o desenvolvimento desse estudante.

Um outro fator que contribui para uma aprendizagem mais produtiva do estudante autista é, sem dúvida, as salas de recursos com os professores do AEE, de fundamental importância para o bom rendimento do referido estudante, quando os recursos do professor da sala de aula regular não estiverem alcançando os resultados esperados, mesmo porque o professor não sabe de tudo e, por isso, o trabalho em conjunto com esses profissionais é primordial no sentido de que os referidos educadores terão um norte para seguir em frente na busca por melhor trabalhar a inclusão dentro da sala de aula, conforme abordado nos estudos de Lobato (2021, p. 75):

Diante dessas falas, podemos inferir que os professores demonstram certa segurança, mesmo não tendo conhecimento de causa, mas, por perceberem a importância de inclusão de estudantes com TEA, não se intimidam em referenciar o apoio que recebem por meio da Sala de Recursos Multifuncionais. Portanto, a condição de professor de estudantes com TEA abre possibilidades de aprender sobre eles e contribuir para o processo de inclusão.

A autora salienta a importância que os profissionais das salas de AEE têm para os professores das salas de aula regulares, pois, segundo os mesmos, estes passam segurança para que os mesmos possam fazer o seu trabalho de maneira mais criativa para que os estudantes possam assimilar os conteúdos de forma prática e pedagógica.

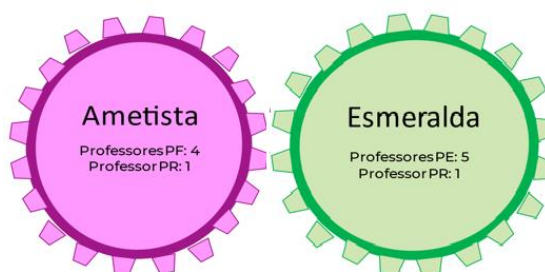
5.2 Análise das Observações nas duas Escolas Escolhidas

Com o intuito de investigar e analisar as realidades e os desafios vivenciados pelos professores acerca dos discentes com TEA incluídos em salas de aula regulares, foi feita uma jornada de observações em duas escolas da rede pública de ensino no município de Humaitá-AM que atendem discentes da Educação Infantil e Ensino Fundamental, as quais atendem discentes com Transtorno do Espectro Autista.

Sendo assim, visando manter o sigilo, confidencialidade e ética acerca das escolas escolhidas para este estudo de caso e, semelhantemente, para preservar os participantes da investigação, utilizaremos para as escolas os nomes de Ametista para a escola que atende os Anos Iniciais do Ensino Fundamental e Esmeralda para escola que atende a Educação Infantil.

Logo no primeiro momento, ao abordar os professores e explicar acerca da pesquisa em andamento, obtivemos o aceite de 12 profissionais destas escolas. No entanto, com o passar dos dias, ao realizar a pesquisa com uma das docentes, não conseguimos agendar um horário para realizar a entrevista. Dessa forma, optamos por identificar os Professores de sala regular do Ensino Fundamental com a sigla PF, Professores da Educação Infantil como PE e Professores das Salas de Recursos com a sigla PR.

Figura 5: No chão das Escolas:



Fonte: Elaborado pela Pesquisadora e Orientadora (2025)

No primeiro momento das observações, na Escola Ametista, que atende discentes dos Anos Iniciais, deparamo-nos com uma sala de aula aparentemente

regular. A professora ministrava os seus conteúdos e os discentes acompanhavam de maneira positiva, mas logo percebeu-se que haviam dois discentes que não estavam conseguindo tirar do quadro as atividades passadas pela professora. No entanto, não foi possível localizar nenhum cuidador que estivesse ali para dar algum tipo de suporte à professora naquele momento. Os discentes estavam conversando muito alto e pode-se perceber a falta de domínio de sala da referida professora em relação aos discentes, principalmente para com os discentes com TEA, no tocante à assimilação dos conteúdos e, dessa forma, prejudicando o processo de aprendizagem dos mesmos.

No decorrer das observações na referida escola, pode-se observar que um grande percentual de discentes laudados e incluídos nas salas de aula regulares são assistidos por cuidadores formados e aptos para auxiliarem não só os discentes, mas as professoras, no que diz respeito à assimilação de conteúdos e para beneficiar o processo de aprendizagem dos mesmos.

No entanto, houve relatos de alguns discentes que, mesmo com o auxílio dos cuidadores, não conseguiam tirar as atividades do quadro, não sabiam ler, escrever, indo somente para socializar com os coleguinhas, mesmo a professora utilizando uma metodologia diferenciada com o objetivo de que todos pudessem assimilar as atividades da melhor maneira possível, incluindo os discentes com TEA. Observou-se que alguns desses discentes não conseguiam fazer quase nada.

No percurso das observações na Escola Ametista, foram vivenciados muitos momentos de interação e socialização entre os discentes autistas com os coleguinhas e professores, principalmente nas aulas de Educação Física, tão esperada por eles, já que a professora incluía todos.

Quando às dificuldades educacionais dos discentes com TEA não eram sanadas em sala de aula, os referidos discentes eram atendidos pela professora da sala de recursos, proporcionando a eles uma melhor assimilação dos conteúdos, trazendo resultados positivos para o seu processo de aprendizagem no decorrer do ano letivo.

A Escola Ametista foi inaugurada recentemente e apresenta o seu quadro com 31 funcionários, contando com 15 professores, todos com Nível Superior, entre efetivos e celetistas. A escola conta com 1 pedagoga, 1 professora Intérprete

de Libras, 1 assistente administrativo, 1 secretária escolar com nível superior, 8 cuidadoras com Ensino Médio completo e 1 cuidadora com nível superior, 2 agentes de portaria com o Ensino Médio completo, 2 manipuladoras de alimentos com Ensino Médio completo e 3 auxiliares de serviços gerais, sendo 2 com Ensino Médio completo e 1 com o Ensino Fundamental completo. À frente da gestão da escola, estava a professora Paula Figueredo.

Atendendo uma clientela de 6 a 8 anos de idade, todos no Ensino Fundamental I, com os seguintes quadros de distribuições: 4 turmas de 1º ano, 5 turmas de 2º ano e 4 turmas de 3º ano; no total, eram 13 turmas, sendo 6 turmas no turno matutino e 7 turmas no turno vespertino, com o total de 329 discentes matriculados.

A mesma ainda dispunha de 6 salas de aulas, 1 sala de recursos, 1 sala de reforço, 1 sala dos professores, 1 sala que funciona como secretaria, coordenação pedagógica e sala da gestora, 1 sala de que pela manhã funciona como biblioteca e à tarde como sala de aula, 1 sala de vídeo, 2 banheiros, sendo 1 masculino e 1 feminino (exclusivo para funcionários), 2 banheiros, sendo 1 masculino e 1 feminino (exclusivo para discentes), 1 cozinha e 1 refeitório onde os discentes merendam.

Ao fundo da escola, há um espaço que daria para construir uma quadra poliesportiva que serviria para as práticas de Educação Física dos discentes, bem como momentos culturais, o que ajudaria no processo de aprendizagem dos mesmos, proporcionando momentos de interação e socialização para com todos os envolvidos do contexto escolar. Segundo o que alguns professores comentaram, tal proposta ainda não foi descartada pelo órgão competente.

A outra escola que também foi foco dessa pesquisa, a Esmeralda, atende discentes na modalidade da Educação Infantil. Funciona nos turnos matutino, com 125 discentes matriculados; vespertino, com 132 discentes matriculados e, frequentando a sala de aula regular, estavam 14 discentes com laudos.

O corpo docente da escola é constituído por 13 professores, 1 orientadora pedagógica, 1 apoio pedagógico, habilitados nas diversas áreas de ensino. Possui 16 funcionários de apoio administrativo, sendo: 7 cuidadores, 2 agentes de portaria, 2 merendeiros, 3 auxiliares de serviços gerais, 2 secretários escolares que dão sustentação para o bom funcionamento do estabelecimento, tudo isso administrado e dirigido pela professora Maria Rita, gestora da escola.

A referida escola é composta por 6 salas de aula, 1 cozinha, 1 pátio, 1 diretoria, 1 secretaria, 1 sala dos professores, 1 sala de AEE, 8 banheiros, 1 depósito de material de limpeza, 1 depósito de material de expediente, 1 depósito de material escolar, 1 depósito de livros, 1 área de serviço, 1 área coberta que faz ligação com o pátio, 2 corredores e 1 pracinha.

No processo de observação, pode ser visto que a grande maioria dos discentes com TEA incluídos em salas de aula regular, assimilavam de maneira positiva os conteúdos ministrados pelos professores, sendo que alguns desses discentes autistas se sobressaíam em comparação com os outros discentes autistas que encontravam inúmeras dificuldades de compreensão.

Pode ser notado que os professores se esforçavam para que todos os discentes aprendessem de maneira mais flexível, até mesmo os discentes com laudos, já que era nítida a preocupação dos educadores com os mesmos e, para ajudá-los nesse processo, contavam com a colaboração dos cuidadores que contribuíam para que o processo de absorção dos conteúdos resultassem em uma aprendizagem positiva e eficiente, mas nem sempre era possível, pois nem todos os discentes autistas manifestam habilidades ou comportamentos iguais, levando em conta que precisa ser respeitado o tempo e cognição de cada um.

Na hora do recreio, não foi difícil notar que muitos dos discentes com TEA não interagiam com os demais coleguinhas: ficavam mais reclusos no cantinho observando as brincadeiras sem o estímulo para se inserir e interagir com os demais, o que também era visto no decorrer das observações e confirmado pelas senhoras que serviam a merenda.

A falta de interação dos discentes autistas ou com outros tipos de transtornos é um dos muitos desafios enfrentados por muitas crianças que, ao chegarem na escola, não conseguem socializar-se com os demais, pelo fato de que, na família, esse processo de interação não é estimulado e nem trabalhado, vindo a prejudicar o seu desenvolvimento e aprendizagem no decorrer do ano letivo.

A respeito disto, Barbosa (2018) descreve que se a criança apresenta dificuldades de se relacionar, a escola não pode se eximir frente a um futuro desenvolvimento. Decerto, haverá sempre um futuro no que diz respeito ao

desenvolvimento da criança no ambiente escolar, independentemente de essa possuir uma deficiência ou não.

A autora fala da necessidade da criança com deficiência ou não ser bem acolhida na escola, já que a mesma tem direito a uma educação de qualidade e, com isso, ser inserida dentro de um contexto educacional que lhe garanta uma aprendizagem positiva acerca de suas potencialidades, corroborando para um bom desempenho no decorrer do ano letivo.

Pôde ser comprovado que, em todas as salas de aulas onde se desenvolveram as observações, constatou-se que a grande demanda de discentes que possuem laudos ou não, requer um trabalho em conjunto, visando a participação de todos: família, professores, cuidadores, coordenação pedagógica, profissionais da saúde, gestão e escola.

5.3 Perfil dos Participantes da Pesquisa das Escolas Municipais de Humaitá: Escola Ametista e Escola Esmeralda

No decorrer das observações, foi notado que um grande percentual dos professores que foram alvos dessa pesquisa são graduados em Licenciatura em Pedagogia e o restante tem formação em outras Licenciaturas, como Letras, História e Educação Física, vindo de processos seletivos anteriores a essa pesquisa, vivenciando diariamente suas realidades, desafios e avanços dentro de uma sala de aula regular com discentes com TEA, levando-os a ressignificar a sua prática pedagógica acerca do seu saberes docentes.

Em relação a esses saberes, enquanto educador, é importante ressaltar o quanto a inclusão de discentes com TEA em sala de aula regular contribui para que o professor adquira mais experiência profissional e auxilie no processo de aprendizagem dos seus discentes, pois somente com a mudança de suas estratégias educacionais, será permitido sanar as possíveis dificuldades educacionais especiais dos referidos alunos.

Ainda é nítida a barreira que existe entre o professor de sala de aula regular e estudantes com TEA, no sentido de que a falta de conhecimento do mesmo não o motiva a buscar meios para trabalhar as dificuldades educacionais especiais desses discentes que já enfrentam vários entraves cotidianamente em ambiente familiar, social, econômico, cultural e na escola, onde não é diferente, já que os

mesmos estarão em um ambiente diferente, tendo que socializar e interagir com todos os envolvidos dentro de um contexto escolar.

Para reforçar este quesito, Torres (2024) afirma que um espaço de ajuda emocional na sala de aula pode desempenhar um papel vital no fortalecimento dos vínculos de confiança entre professor e aluno. Quando os estudantes se sentem seguros e apoiados emocionalmente pelo professor, estão mais propensos a se envolver ativamente no processo de aprendizagem, expressar suas dúvidas e preocupações e buscar ajuda quando necessária.

A autora fala de uma amizade pautada em respeito e confiança entre o professor e o estudante autista, pois esta relação ajudará no bem-estar emocional e psicológico do mesmo e contribuirá para uma aprendizagem satisfatória e positiva a partir do desenvolvimento de seu potencial e habilidades que irá demonstrar no decorrer do ano letivo.

Mas é importante esclarecer que os educadores têm o compromisso de oportunizar conhecimentos acerca dos conteúdos ministrados pelos mesmos aos discentes autistas, mas, no entanto, é necessário ressaltar os muitos desafios vivenciados pelos educadores no cotidiano de uma sala de aula regular com a ausência de recursos adequados, adaptados e principalmente sem apoio e formação inicial na área específica.

É válido mencionar, conforme afirma Torres (2024), que os educadores têm compromisso no maior crescimento da inserção desses discentes, no entanto, os desafios enfrentados pelos professores ultrapassam os aspectos pedagógicos, envolvendo a ausência de recursos adequados, a discriminação e a escassez de treinamento profissional.

A observação feita corrobora a veracidade dos fatos supracitados pela autora no que diz respeito às condições pedagógicas inadequadas para se trabalhar com estudantes autistas. O educador, por sua vez, vivencia diariamente a falta de apoio da equipe pedagógica, do órgão mantenedor, de recursos didáticos escassos e de professores formados e aptos para auxiliá-los com atividades adaptadas no momento em que esses referidos estudantes não conseguem assimilar os conteúdos na sala de aula regular.

Um dos grandes entraves enfrentados por muitos professores é justamente a ausência de uma formação não só inicial na área específica, mas que essa

mesma formação seja contínua na carreira profissional do educador, pois o aprofundamento de seus conhecimentos lhe agregará novos saberes importantes no atendimento diante das necessidades educacionais especiais dos discentes com TEA.

De acordo com Torres (2024), a formação contínua é essencial para garantir que os professores estejam atualizados com as melhores práticas e as últimas pesquisas no campo da Educação Inclusiva. Ao participarem de programas de desenvolvimento profissional específicos sobre autismo, os educadores têm a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos, aprender novas habilidades e técnicas de ensino e desenvolver habilidades de adaptação e flexibilidade necessária para atender às necessidades diversificadas dos estudantes.

Na sua fala, a mesma reafirma a importância de uma formação inicial e contínua no decorrer da carreira profissional do professor, principalmente quando diz respeito à aprendizagem de estudantes autistas que já chegam na escola sem ter a noção de como será acolhido pela comunidade escolar e tampouco compreenderá de que forma será a sua adaptação ao meio.

5.4 Resultado das Entrevistas com as Professoras das Escolas Municipais: Escola Ametista e Escola Esmeralda

As entrevistas contaram com a participação de 11 professoras de 02 escolas municipais situadas no município de Humaitá-AM, sendo 5 dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e 6 professoras da Educação Infantil que gentilmente aceitaram participar e falar um pouco de suas experiências diárias acerca dos estudantes com TEA, relatando os seus desafios, dificuldades e avanços no processo de ensino e aprendizagem dos mesmos no decorrer do ano letivo, com dia e hora marcada com o consentimento dos mesmos.

Na Escola Ametista, as siglas para os professores de Sala Regular serão PF1, PF2, PF3 e PF4, enquanto que, para os professores de Sala de Recursos, será PR1. Seguindo com a denominação das siglas, para os professores da Educação Infantil da Escola Esmeralda utilizaremos a Sigla PE1, PE2, PE3, PE4, PE5 e PR2 para o professor da Sala de Recursos.

Tabela 4 - Escola Ametista

Participantes	Tempo de Docência	Formação	Tempo lecionando para alunos com TEA
PF1	06 anos	Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia e Neurociências	01 ano
PF2	04 anos	Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia e Neurociências	02 anos
PF3	10 anos	Pedagogia, Especialização em Alfabetização e Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades	02 anos
PF4	06 anos	Pedagogia	06 anos
PR1	10 anos	Letras e Especialização em Libras e em Atendimento Educacional Especializado (AEE)	01 ano

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora e Orientadora (2025)

As professoras participantes da Escola Ametista que atendem estudantes com TEA, em sua grande maioria, possuem graduação em Pedagogia (04 pedagogas), enquanto que as outras professoras participantes do estudo possuem licenciaturas em Letras, História e Educação Física, todas com especializações. No entanto, somente a professora da Sala de Recursos possui especialização em Educação Especial para o atendimento do público alvo da SRM.

Observou-se que na Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental os docentes afirmaram que vivenciam diariamente muitos entraves, desafios e avanços na busca de melhores alternativas acerca de suas práticas pedagógicas no processo de aprendizagem dos estudantes, principalmente para promover aos estudantes com TEA um ensino mais benéfico e igualitário.

Tabela 5 - Escola Esmeralda

Participantes	Tempo de Docência	Formação	Tempo lecionando para alunos com TEA
PE1	03 anos	Pedagogia e Especialização em Educação Infantil e Ensino Fundamental	03 anos
PE2	04 anos	Pedagogia e Especialização em Neurociências	02 anos
PE3	05 anos	Pedagogia e Especialização em Educação Infantil e Séries Iniciais	01 ano
PE4	15 anos	Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia	05 anos
PE5	05 anos	Pedagogia e Especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais	01 ano
PR2	04 anos	Pedagogia, Educação Especial e Especialização em: Educação Especial, História e Geografia	02 anos

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora e Orientadora (2025)

Evidenciamos que na Escola Esmeralda todas as professoras participantes são pedagogas e possuem especializações. Outro dado bastante relevante chama a atenção para a professora do AEE, a mesma possui duas graduações, sendo uma delas em Educação Especial. Também possui especialização na área específica que, por sua vez, atende aos critérios de formação para atuar na SRM.

6. VOZES DOCENTES: LUGAR DE ESCUTA NAS ESCOLAS

A temática da entrevista sobre os desafios enfrentados pelos docentes para o Ensino de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista matriculados em Escolas da Rede Pública de Ensino do município de Humaitá-AM, inclui dados sobre a formação dos professores, seu tempo de formação e a experiência com discentes com autismo. Visando a preservar o sigilo obre as identidades das

professoras participantes, foram utilizados nomes fictícios para as escolas, assim como foram utilizadas siglas para representar as professoras.

Foi pedido às professoras das escolas Ametista e Esmeralda: (1) Fale sobre sua experiência de trabalho acerca de discentes com TEA, ao que responderam que, independentemente de atender ou não crianças com qualquer transtorno ou deficiência, os desafios são grandes, porém, não há somente desafio, há motivação, alegrias, superação e principalmente orgulho em ver o quanto o aluno desenvolveu e se superou.

Essa pergunta foi respondida por todas: PF1, PF2, PF3, PF4 e PR1 da Escola Ametista e PE1, PE2, PE3, PE4, PE5 e PR2 da Escola Esmeralda, que foram unânimes em responder que os desafios são muitos, no entanto, quando o trabalho é feito com entusiasmo e perseverança, os resultados são gratificantes.

Embora todas as professoras tenham falado sobre o desafio que é trabalhar com estudantes com TEA em sala de aula regular, ainda é nítido o quanto se precisa conhecer sobre o Transtorno do Espectro Autista e compreender de que maneira se deve intermediar os conteúdos que proporcionem uma assimilação mais viável ao estudante autista a querer aprender, muitas vezes ocasionando na recusa do professor em trabalhar com o referido estudante, como cita Oliveira (2020). Aqui se percebe o tamanho do desafio que é trabalhar com um estudante com autismo e, muitas vezes, os momentos se resumem em tentativas do professor e recusas do estudante.

A autora ressalta que a aprendizagem do estudante autista por muitas vezes se torna um trabalho exaustivo para ambas as partes no sentido de que o estudante autista necessita estar motivado em querer aprender e, por outro lado, o professor precisa utilizar de práticas pedagógicas que estimulem o interesse desse estudante para que o seu processo de aprendizagem seja satisfatório.

Quando perguntamos às PF1, PF2, PF3, PF4 e PR1: (2) Na sala de aula regular, de que maneira é trabalhada as questões de interação social e comunicação? Quais recursos são utilizados para atender os estudantes com TEA?

As professoras da Escola Ametista responderam que trabalham de forma bem dialogada, com bastante estímulo, linguagem objetiva, sempre incentivando o diálogo, trabalhos em grupo e dinâmica, enquanto que a PF1 da Escola Ametista respondeu que:

PF1- Todos são tratados da mesma maneira, porém, precisou adaptar alguns materiais didáticos para os alunos que, de alguma forma, não conseguiam assimilar os conteúdos administrados.

Quando perguntadas às PF1, PF2, PF3, PF4 e PR1 da Escola Ametista e às PE1, PE2, PE3, PE4, PE5 e PR2 da Escola Esmeralda: (3) A escola promove palestras educacionais sobre o autismo? Com que frequência? Todos do contexto escolar participam?

A PF3 da Escola Ametista, turno matutino, respondeu que não, somente a professora que atende na sala de recurso participa. Já a PF2 ressaltou que sim, que fazem palestras voltadas para o autismo. No entanto, algumas afirmações ficaram registradas nas falas das seguintes professoras.

PF2: Sim, palestras voltadas para o autismo são realizadas com pouca frequência, porém, o diálogo sobre o respeito às diferenças é abordado sempre nos momentos de acolhida diariamente.

PF3: Não, somente a professora que trabalha na sala de AEE.

PF4: Sim, durante todo o ano letivo, principalmente com relação à inclusão, respeito e interação no âmbito escolar.

PR1: Durante o tempo que trabalho nesta instituição, só aconteceu palestra sobre o autismo na data comemorativa, no Dia 02 de Abril - Dia do Autismo.

A mesma pergunta foi respondida pelas PE1, PE2, PE3, PE4 e PE5 da Escola Esmeralda que apenas na data comemorativa do autismo, sendo mais voltado para os cuidadores dos estudantes com TEA. No entanto, todos do contexto escolar participam desses momentos de informações e conhecimentos, contudo, essa afirmação não condiz com a visão de todas as educadoras da referida escola.

PE4: Muito pouco se fala acerca do autismo, somente no dia do Autismo.

PR2: Apresentação do Dia do Autismo, com pouquíssima frequência, falta um olhar aguçado para com o autismo, pois requer uma atenção maior com eles, falta de reconhecimento da equipe gestora e pedagógica para com os discentes autistas, ou seja, uma visão diferenciada mesmo para com eles.

Nota-se que o papel dos cuidadores nesse processo de auxiliar na aprendizagem dos discentes com TEA é de suma importância na assimilação de conteúdos ministrados pelos professores, já que os mesmos assumem um papel de intermediar informações levando o estudante autista a trabalhar as suas habilidades, potencial e cognição.

O cuidador não tem que ser visto como solucionador de problemas em relação ao discente autista, mas sim, auxiliar esses referidos estudantes em suas dificuldades educacionais, mesmo porque será na sala de recursos que os mesmos receberão esse suporte. Para Mantoan (2011), o cuidador não é uma figura na sala, assistencialista, pelo contrário, tem papel importante e por isso deve ser qualificado para entender as necessidades do estudante, que é único na sua singularidade junto com o professor de sala. O cuidador qualificado vai aprimorar os objetivos pré-estabelecidos e, assim, desenvolver uma aprendizagem significativa para o aluno.

Faz-se necessário que esse profissional seja visto com um olhar mais flexível em relação a sua função, exercida dentro de uma sala de aula, que o mesmo esteja formado, preparado e apto para assistir e intermediar as informações acerca dos conteúdos ministrados pelos professores e contribuir para com a aprendizagem dos discentes de maneira mais flexível e positiva.

Essa é uma das muitas realidades que lamentavelmente é vivenciada em escolas onde a equipe gestora e pedagógica não tem um olhar aguçado e nem tampouco uma preocupação em relação à aprendizagem dos mesmos, já que é notório observar que essa clientela carece de uma atenção diferenciada por todos os envolvidos, principalmente dos professores que precisam estar preparados para atender às demandas desses estudantes. No entanto, o trabalho só irá alcançar os propósitos desejados se todos estiverem trabalhando em conjunto com o anseio de proporcionar aos referidos estudantes autistas uma aprendizagem mais condizente com as suas necessidades educacionais especiais.

Quando ressaltamos que os estudantes com autismo necessitam de um nível de atenção apropriada e diferenciada, isso se deve ao fato de que, independente de suas características individuais, eles têm uma forma específica de processar os estímulos que recebem do meio externo, e é fundamental que o professor tome posse dessa informação para que ele possa desenvolver qualquer planejamento com eles, considerando que é muito importante se apropriar dessas características para repensar as estratégias de ensino e a mediação necessária para que a aprendizagem se efetive.

A autora fala dessa atenção direcionada que não só os professores precisam ter acerca dos estudantes autistas, mas a escola como um todo, já que os

estudantes com TEA não manifestam comportamentos, habilidades e cognição igual aos discentes ditos normais. É necessário que o professor proporcione formas de ensinar os conteúdos que os estimule a gostar de aprender e é nesse momento que a equipe gestora é de suma importância para que a efetivação desse processo de aprendizagem possa acontecer, dando o suporte necessário para o professor enquanto mediador desse conhecimento.

Quando perguntado às PF da Escola Ametista: (4) Há desafios ao receber um discente autista na sala de aula regular? Se sim, de que forma esses desafios são trabalhados?

As PF1, PF2, PF3 e PF4 da Escola Ametista responderam que sim, que esses desafios sempre irão surgir todos os dias, tanto em relação ao comportamento quanto conteúdo, adaptações de atividades, trabalho em parceria com a família e os demais colegas.

PF1: Sim, e muitos, todos os dias em relação ao comportamento quantos aos conteúdos.

PF2: Esses desafios sempre irão surgir, mas o trabalho em parceria com a família e os demais colegas.

PF3: Enfrentamos diversos desafios sim, adaptação de atividades, compreensão do comportamento.

PF4: São trabalhados a partir do conhecimento sobre os transtornos que esse estudante possui.

PR1: Por mais que envolva desafios, principalmente relacionados à comunicação e a adaptação de estratégias, está sendo um processo de aprendizagem contínuo que me permite desenvolver novas abordagens e aperfeiçoar minha prática pedagógica.

A mesma pergunta foi feita às PE1, PE2, PE3, PE4 e PE5 da Escola Esmeralda, que responderam que um dos desafios encontrados por eles diz respeito à falta de uma formação inicial e continuada na área específica e, em alguns momentos, contando com a participação da professora da sala de AEE, citada nas falas das professoras.

PE3: Todos os desafios, fui agredida com mordidas, jurada de morte por um estudante com TOD, tento acalmá-lo, conversando com ele.

PE4: Sim, da maneira que podemos, pois além desses estudantes, ainda temos mais 20 pra ensinar.

PE5: Sim, desafios em relação ao comportamento, procuro estudar, pesquisar e trabalhar em parceria com a professora do AEE.

PR2: Desafiador, nada que não consiga aprender com suas limitações, carinho, abraço e dinâmica não resolve, modo de falar com eles, metodologia ABA, música, apresentação e dança.

Um dos maiores desafios vivenciados pelas PF1, PF2, PF3 e PF4 das salas de aula regulares da Escola Ametista e as PE1, PE2, PE3, PE4 e PE5 da Escola Esmeralda é justamente a formação inicial na área específica, que muitas delas não têm para atender às necessidades educacionais de estudantes com TEA matriculados e frequentando salas de aula regulares, o que, por sua vez, induz o educador a se questionar se realmente está preparado para trabalhar a inclusão com seus estudantes autistas, já que, em muitas escolas, os mesmos não usufruem do apoio de profissionais formados e preparados para auxiliá-los no processo de ensino e aprendizagem dos referidos estudantes.

A esse respeito, Lopes (2020) destaca que a problemática da formação inicial dos professores também é um grande desafio a ser superado, pois, como foi verificado nas escolas pesquisadas, eles não se sentem suficientemente preparados para o atendimento em sala de aula e, por isso, a formação continuada se faz essencial para a prática docente.

A fala da autora só reafirma sobre a importância de uma formação inicial na carreira profissional do professor, o que corrobora para que o mesmo possa desenvolver o seu trabalho de uma maneira coerente e satisfatória em torno da aprendizagem dos estudantes autistas e em torno de suas práticas pedagógicas.

Quando perguntado às PF1, PF2, PF3 e PF4 da Escola Ametista: (5) Os gestores da escola, professores e coordenação pedagógica trabalham em equipe? De que maneira eles contribuem para o processo de ensino e aprendizagem dos estudantes autistas?

Todas as professoras da Escola Ametista responderam que sim, que há um trabalho em equipe, principalmente quando surgem dúvidas, que a pedagoga está sempre pronta para lhes orientar. Todas responderam que há uma troca de experiências entre elas, alinhando as estratégias de apoio tanto na Sala de Recurso quanto na sala regular, conforme constatamos nas falas das mesmas.

PF1: Vou falar pelas professoras do 2º Ano. Compartilhamos atividades e temos o apoio e direcionamento da pedagoga.

PF2: Sim, há um trabalho em equipe, principalmente quando surgem dúvidas, a pedagoga está sempre pronta para nos orientar, também há troca de experiências entre as professoras do 2º Ano.

PF3: Não.

PF4: Sim, através do Atendimento no período de aula, na sala do AEE.

PR1: Trabalhamos sempre de forma colaborativa com a equipe pedagógica, alinhando as estratégias de apoio tanto na Sala de Recurso quanto na sala regular.

A mesma pergunta foi direcionada às PE1, PE2, PE3, PE4 e PE5 da Escola Esmeralda, que responderam que trabalham dispostas em ajudar com reuniões constantes, comunicação e resolução dos conflitos. Já a PR2 da referida escola divergiu um pouco em sua opinião.

PR2: Ajuda em alguns pontos. Datas comemorativas. Não há uma ajuda por parte da equipe gestora e pedagógica. Em alguns momentos, utilizo os próprios recursos.

Lobato (2021) ressalta que é importante que saibamos que o professor não é a única pessoa que contribui para a inclusão na escola, outros profissionais fazem parte como: pedagogos, coordenadores, orientadores, gestores e demais profissionais.

Fica claro, na fala da autora, sobre o apoio e o suporte que os professores precisam receber da equipe gestão e pedagógica para que os mesmos possam trabalhar a inclusão na sala de aula regular, já que o professor não pode ser visto como salvador da pátria em relação à aprendizagem dos discentes autistas. Esse processo requer a participação e a colaboração de todos os demais.

Quando perguntado às PF da Escola Ametista: (6) Existe um trabalho em parceria com os pais e/ou responsáveis dos discentes com TEA? Há alguma dificuldade nessa colaboração? Se sim, qual(is)?

Todas as professoras da Escola Ametista responderam, de maneira enfática, que, com alguns alunos, há uma parceria, porém, com a maioria das famílias não conseguem esse apoio. Há muitas dificuldades principalmente quando o assunto é a aprendizagem, já que as queixas das referidas professoras é que muitos pais são os primeiros a não acompanharem os seus filhos, o que está refletido na fala da PR1:

PR1: Mantive uma comunicação regular com os pais por meio de grupo *whatsapp* e conversas informais e individuais. Porém, em algumas situações, a comunicação entre escola e família não foi tão eficiente quanto desejávamos.

A mesma pergunta foi direcionada às PE1, PE2, PE3, PE4 e PE5 da Escola Esmeralda, que responderam que, em algumas situações, alguns pais colaboram

na vida escolar de seus filhos, já a grande maioria peca pela falta de compromisso e participação frequente junto aos processos de ensino e de aprendizagem dos estudantes, o que é confirmado em algumas das falas destas professoras:

PE1: Não existe, por falta de participação frequente da família no processo de aprendizagem dos filhos, uma falta de compromisso dos referidos pais.

PE2: A família é parceira, sem problemas.

PE3: Atendimento na Sala do AEE no contra turno, os pais não querem trazer os filhos e inventam desculpas esfarrapadas.

PE4: O professor tenta trabalhar junto com a família, o problema é que muitos pais não se importam.

PE5: Os pais estão sempre participando de tudo que envolve a aprendizagem de seus filhos.

PR2: Sim, em parte, os pais aceitam participar da vida e aprendizagem de seus filhos, no entanto, os professores não solicitam a ajuda dos referidos pais nos materiais para as atividades diárias.

Como afirma Bassotto (2018), a família é parceira da escola, todavia, a escola deve proporcionar a participação desta no ambiente escolar valorizando as contribuições necessárias, dialogando em defesa dos interesses do estudante, interagindo nas atividades efetivadas dentro e fora da sala de aula e efetivando ações coletivas que buscam o desenvolvimento nas diversas áreas do conhecimento dos educandos com necessidades especiais.

A fala da autora só reforça a importância da participação e colaboração da família na vida escolar dos estudantes, principalmente no processo de ensino dos mesmos. É crucial que o trabalho entre escola e família seja o alicerce não só para o professor trabalhar suas práticas pedagógicas diárias, mas em favor dos resultados esperados através do rendimento escolar do estudante no decorrer do ano letivo.

Quando perguntado às PF1, PF2, PF3 e PF4, da Escola Ametista: (7) Em sala de aula, de que maneira o professor trabalha acerca do comportamento do estudante autista? Como você atua quando o seu estudante com TEA está em crise?

As PF1, PF2, PF3 e PF4 da Escola Ametista responderam que, na sala de aula, é sempre trabalhado com muito diálogo, para que os estudantes neurotípicos entendam e respeitem as diferenças de cada um. Em momentos de crise,

procuram manter a calma, respeitar o tempo do estudante e tentar resolver com diálogo como salientam as mesmas em suas falas.

PF1: Quando percebo que o estudante está agitado, procuro chamá-lo no cantinho, observo e espero ele se acalmar para assim então poder administrar algum conteúdo pra ele.

PF2: Na sala de aula, é sempre trabalhado com muito diálogo, para que as crianças neurotípicas entendam e respeitem as diferenças de cada um. Em um momento de crise, procuro manter a calma e respeitar o tempo do estudante e tentar resolver com o diálogo, contando com a ajuda da pedagoga.

PF3: Compreensão do comportamento. Observo se ele está em um dia agitado ou calmo.

PF4: Depende do teor da crise, alguns precisam apenas ser crianças.

PR1: Quando percebo que um discente com TEA está começando a entrar em crise, busco intervir o mais cedo possível para evitar que se intensifique. Procuro levar o discente para um ambiente mais calmo e controlado fora da Sala de Recurso onde ele possa se sentir mais seguro. Procuro também oferecer a ele recursos visuais ou objetos que ele possa associar a momentos de relaxamentos.

A mesma pergunta foi respondida pelas PE1, PE2, PE3, PF4 e PR2, da Escola Esmeralda, que responderam que, diante de uma crise, é preciso ser flexível, procurar acalmar o discente, sem desespero, com conversas, abraços e nada que fuja da normalidade salientada nas falas supracitadas das mesmas.

PE1: Procuro ter flexibilidade o possível, deixá-los à vontade.

PE4: Tem que ter muita paciência.

PE5: Procuro acalmar, nada que fuja da normalidade, sem desespero e tudo se acalma.

PR2: Converso com ele, carinho e abraço.

Diante das falas das PF1, PF2, PF3, PF4 e PR1, da Escola Ametista, e as PE1, PE2, PE3, PE4, PE5 e PR2, da Escola Esmeralda, fica claro que manter a calma e a serenidade nos momentos de crise dos discentes autistas contribuem para uma experiência profissional e diária entre os envolvidos na sala de aula regular e Sala de Recurso, proporcionando confiança, afetividade, conhecimento e respeito mútuo. No entanto, não é um trabalho fácil de se construir, pois se faz necessário que esse processo aconteça através de experiências compartilhadas entre os educadores e os seus estudantes com TEA no decorrer do ano letivo.

Como salienta Mendonça e Santos (2024), o compartilhamento das experiências contribui para uma prática pedagógica dos professores, já que muitos

educadores se sentem inseguros, enfrentam os mais variados desafios no decorrer do ano letivo com os seus discentes autistas por conta de seus comportamentos dentro da sala de aula regular e esse trabalho só alcançará os propósitos almejados diante de um trabalho em conjunto dos educadores e os seus discentes autistas, mesmo porque prática sem teoria sempre resultam em ineficiência pedagógica.

As autoras enfatizam que, quando se refere ao compartilhamento de experiências entre os educadores no decorrer da vida acadêmica, principalmente quando essas trocas de saberes fazem menção acerca dos discentes com TEA, surge uma experiência nova e desafiadora em sua carreira profissional, pois será necessário pôr em prática os seus conhecimentos: teórico, crítico e as práticas pedagógicas vivenciadas no decorrer do ano letivo.

Perguntado às PF1, PF2, PF3 e PF4, da Escola Ametista: (8) Quais são as principais adaptações curriculares e pedagógicas que você realiza para atender às necessidades individuais dos discentes com TEA?

As PF1, PF2, PF3 e PF4, da Escola Ametista, responderam que adequavam os conteúdos da proposta de acordo com o nível de aprendizagem do estudante, ressaltando também que cada estudante autista é único, com diferentes níveis de habilidades e desafios. Adaptar essas atividades para atender a essa diversidade requer esforço e criatividade. No entanto, as professoras ainda complementaram que há estudantes com TEA na sala de aula regular que precisam de muito estímulo para aprender a pegar no lápis, não sabem escrever, nem ler; alguns vão somente para brincar e desenhar, afirmando esses desafios em suas falas.

PR1: Uma das adaptações mais comuns que utilizo é a simplificação de conteúdos acadêmicos, tornando mais acessível, incluindo a quebra de atividades em etapas menores com a utilização de linguagem clara e simples para evitar confusão.

Entretanto, as docentes PE1, PE2, PE3, PE4 e PE5, da Escola Esmeralda, responderam que as atividades específicas para os estudantes com TEA são elaboradas com a colaboração da professora da Sala de Recursos, quando alguns estudantes não conseguem assimilar os conteúdos, já que não têm atividades curriculares e o plano de aula é feito individualmente em algumas exceções acerca das avaliações dos mesmos, como enfatizam em suas falas.

PE1: Não tem atividades, os três alunos laudados fazem atividades iguais, enquanto que somente um não consegue assimilar, já que nem todos os pais desses referidos estudantes contribuem nas atividades dos filhos.

PE3: Não utilizo materiais adaptados, no entanto, estavam melhorando e alcançando os resultados esperados.

PE4: Elaborando atividades específicas para eles, junto com a professora da Sala de Recursos.

PE5: Uso imagens e jogos.

PR2: Os planos de aula individuais acerca das avaliações.

No decorrer das conversas, constatou-se a realidade de muitas professoras, ao se queixarem de assumir uma sala de aula regular com muitos estudantes e, dentre eles, estudantes com deficiências e transtornos como: Transtorno do Espectro Autista (TEA), Deficiência Intelectual (DI), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), Hiper Sensibilidade Auditiva, Transtorno Opositivo Desafiador (TOD), baixa visão, entre outros, revelando os muitos desafios que as mesmas vivenciam diariamente sem o auxílio dos profissionais de apoio, sem recursos didáticos e pedagógicos adaptados, falta de apoio muitas vezes da equipe gestora e pedagógica, dentre outros percalços.

E um desses desafios enfrentados por essas professoras é justamente a ausência de uma formação inicial em Educação Especial que, por sua vez, proporcionariam condições adequadas de trabalho, auxiliando o seu trabalho de inclusão na sala de aula, mesmo não disponibilizando dos recursos necessários para um ensino de qualidade e uma aprendizagem significativa dos discentes autistas, já que o trabalho necessita acontecer através da participação de todos os envolvidos do contexto escolar.

Para Azevedo (2017), a escola precisa buscar, nas parcerias com outros agentes, o conhecimento para entender e compreender o aluno com TEA em sua totalidade, pois esses parceiros viabilizam o atendimento adequado às necessidades e proporcionam aos professores aperfeiçoamento da prática que possibilita a qualidade na aprendizagem do discente.

Ainda são frequentes os desafios que as professoras vivenciam diariamente dentro das salas de aulas, buscando desenvolver com dignidade o seu trabalho, mesmo encontrando diversos obstáculos para disponibilizar um ensino de qualidade e contribuir para com uma aprendizagem mais significativa e satisfatória

para com os educandos, principalmente acerca dos estudantes com TEA, em que a sua dedicação necessita ter um olhar mais aguçado, flexível e pedagógico para com eles.

Perguntado às PF1, PF2, PF3 e PF4, da Escola Ametista: (9) O currículo deveria ter um olhar mais cuidadoso acerca da educação dos discentes com TEA?

As PF1, PF2, PF3 e PF4, da Escola Ametista, responderam que sim, que o currículo deveria ter um olhar mais cuidadoso, pois apesar dos avanços, muitos estudantes ainda enfrentam dificuldades e nem sempre estão adaptados às suas necessidades, como enfatizaram em suas falas.

PF1: Com certeza, no papel é tudo lindo e maravilhoso, porém, na realidade é assustador. Por exemplo, na minha sala, tenho 28 estudantes, entre esses 04 discentes laudados, cada um com suas necessidades. Preciso trabalhar diferenciado com cada um deles. Sala super lotada não ajuda, o professor deve correr atrás de materiais pedagógicos.

PF2: Sim, ainda falta muito para conseguirmos chegar em uma educação inclusiva. Ainda não temos uma educação inclusiva de fato, o que vejo em alguns casos é apenas a integração de crianças atípicas. Apesar de haver muitas falhas no currículo, há ainda mais falha humana, falta de empatia e cuidado com as nossas crianças.

PR1: Na minha opinião, o currículo deveria ter um olhar mais cuidadoso sim, pois, apesar dos avanços, muitos estudantes ainda enfrentam dificuldades e nem sempre o currículo é adaptado às suas necessidades. Este deveria ser mais flexível com adaptações pedagógicas e materiais diversificados, incluindo uma maior formação para os professores sobre práticas inclusivas, por exemplo.

As mesmas ainda complementaram falando que a inclusão não trata apenas de colocar estes estudantes na mesma sala que os demais, mas, sim, adaptar o ambiente educacional para atender suas necessidades específicas, promovendo um aprendizado significativo e respeitoso, já que no papel é tudo diferente.

No entanto, a realidade é assustadora, com salas lotadas e sem materiais pedagógicos. Ainda falta muito para conseguirmos chegar a uma Educação Inclusiva, Santos (2022) ressalta que ainda não temos uma Educação Inclusiva de fato, o que se enxerga, em alguns casos, é apenas a integração de estudantes atípicos.

A esse respeito, encontramos respaldo em Prates *et al.* (2020) quando diz que, apesar de haver muitas falhas no currículo escolar, há falhas na formação dos professores. Estas são questões que não podem jamais ser ignoradas, como a falta de empatia com os profissionais da Educação, o cuidado com todos, pois,

independente de suas necessidades, que são específicas, deve haver respeito e atenção para todos os estudantes.

Perguntado o mesmo às professoras PE1, PE2, PE3, PE4 e PE5, da Escola Esmeralda, estas responderam que sim, pois se fala tanto no assunto, mas o que se faz é muito pouco diante de muitas dificuldades que esses estudantes têm, e também que se deve olhar justamente para a situação do professor que recebe esses estudantes em sala de aula, já que se tem limitado o número de materiais para trabalhar melhor com eles: “não tem quase nada nas escolas”, um desabafo que é confirmado nas falas das mesmas.

PE1: Deveria, pois daria um norte nesse quesito.

PE2: Deveria ter uma mudança no currículo, já que a tendência é a melhoria do ensino.

PE3: Sim, falta mais apoio do órgão mantenedor, não tem formação para os professores, somente para os cuidadores.

PE4: Sim, pois se fala tanto no assunto, mas, o que se faz é tão pouco diante das dificuldades que esses alunos têm. E também deve se olhar para a situação dos professores que recebem esses alunos em sala de aula, já que se tem um número limitado de materiais para se trabalhar melhor com eles, não tem materiais para quase nada nas escolas, o professor tem que ser mágico todos os dias para dar conta desses alunos, pois só quem sabe da real dificuldade é quem está todos os dias com esses alunos na sala de aula.

PR2: Sim, o currículo é muito mais rico de outras escolas, comparado aos currículos das escolas de Humaitá. Não há uma certa preocupação acerca do currículo para A Educação Inclusiva e autismo. Os professores não veem a necessidade de atividades adaptadas para os alunos autistas, dizem que é um trabalho a mais para eles.

As professoras ainda complementaram que não há uma preocupação acerca do currículo para a inclusão e autismo, há a ausência do apoio do órgão mantenedor, que não oferece cursos ou formação continuada para os professores, o que daria um norte para os educadores nesse quesito, já que a tendência é melhorar o ensino, beneficiando a forma de trabalhar e aprendendo na prática diária.

A BNCC traz informações importantes a respeito do currículo para a Educação Inclusiva (Brasil, 2017). A organização do trabalho pedagógico, considerando o cotidiano escolar, precisa se materializar de forma a promover a equidade, reconhecendo que as necessidades dos estudantes são diferentes, portanto, que as práticas pedagógicas precisam ser diferenciadas para que possibilite a inclusão de todos.

Diante dessas informações, confirmadas pelas falas das professoras, quando as mesmas se referem acerca do currículo não adaptado para os estudantes com deficiências e transtornos, esta preocupação não vem sendo considerada pelo órgão competente, falta esse olhar cuidadoso e comprometido em relação a um ensino de qualidade e inclusivo para com os estudantes.

7. ALINHAVANDO E COSTURANDO AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou um panorama abrangente e desafiador acerca de muitos percalços vivenciados pelos professores que atuam com discentes que estão dentro do Espectro Autismo e, por sua vez, estão matriculados nas escolas municipais de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental no município de Humaitá-Amazonas.

Dentro do tempo que estivemos imersos nesta investigação, foram muitas leituras, tempo de grande aprendizado que mudaram a perspectiva de uma mãe atípica e pesquisadora. Ao passar pela etapa de conhecer as escolas, saber quantos são e onde estão matriculados os alunos com TEA, encontramos profissionais na SEMED que nos forneceram informações valiosas.

Na última etapa desta pesquisa, depois de vários cortes e costuras, alinhavos diversos, tivemos a grata satisfação de estar em contato com os atores principais, que são os docentes. Tivemos um momento de escuta no chão das escolas, ouvimos seus anseios, seus sonhos, suas angústias e até mesmo frustrações; mencionaram obstáculos enfrentados, por meio de suas falas, quando afirmaram que ainda se sentiam despreparadas para atuar com esse público com TEA.

Ficou claro nas falas das professoras o despreparo das mesmas ao se depararem com discentes com TEA diariamente em salas regulares, devido a ausência de uma formação inicial e continuada na busca de conhecimentos e informações acerca da problemática que permeia em suas práticas pedagógicas no decorrer do ano letivo e no rendimento escolar satisfatório dos discentes autistas.

A esse respeito, Santos (2024, p. 24) afirma que “não devemos deixar de apontar como ponto crucial a necessidade de investimento e formação dos professores que atuam com esses educandos”. Devemos considerar as múltiplas

formas de aprender, de conhecer o mundo. Por isso, a autora destaca, como ponto chave, o investimento em formação dos docentes.

Através dos relatos das educadoras em questão, percebeu-se a necessidade de um trabalho partícipe entre todos os envolvidos, seja nos contextos: escolar, familiar, órgãos competentes, comunidade e sociedade para que a inclusão, de fato, seja praticada em todos os ambientes.

Um grande percentual de educadores questiona-se se são capazes de atenderem a suas expectativas, que é fazer com que um estudante com TEA goste de aprender e tenha um bom resultado em seu processo de ensino no decorrer do ano letivo.

No entanto, quando o professor constrói uma amizade com seu estudante com TEA baseada através de confiança entre ambos, a forma de trabalhar e compreender do professor para com o discente autista contribui para que o estudante possa desenvolver suas habilidades, criatividade, potencial e assimilação de conteúdo, porém, é necessário que o professor tenha a compreensão de que o estudante autista só se desenvolverá se for levado em consideração o seu tempo, ritmo e cognição.

É lamentável que nem todos os educadores comunguem desse mesmo pensamento, de que a confiança mútua é motivo para uma aprendizagem mais prazerosa. Uma vez que muitos não se sentem preparados para atenderem estudantes com TEA, no entanto, suas práticas foram planejadas e construídas no decorrer de suas experiências, compreendendo que o vínculo com o espaço escolar contribui para que o processo de inclusão possa beneficiar não só o trabalho do professor, mas também favorecer a assimilação dos conteúdos dos discentes com TEA para o bom rendimento escolar do mesmo.

Como pesquisadora, e também educadora e mãe de um filho autista, vislumbramos a urgência de investigações e formações não só para os educadores, cuidadores, equipe pedagógica e de gestão, mas que a sociedade como um todo se conscientize de que as pessoas com deficiências e transtornos não carecem de serem aceitos e sim sejam respeitados como um todo, já que a mudança desses conceitos depende da conscientização de todos.

Analisando as conversas das educadoras do referido estudo, ao falar acerca do Transtorno do Espectro Autista (TEA), constatou-se que essa problemática

ainda é bastante complexa, carecendo de um olhar mais cuidadoso dos órgãos competentes para que a inclusão possa ser, de fato, efetivada.

Foi explicitado por parte das educadoras uma preocupação no quesito formação inicial e continuada nessa área, quando salientaram que muitas delas chegam na sala de aula despreparadas sem saber como lidar e nem como agir em momentos difíceis relacionados ao comportamento, ansiedade e agressividade, gerando uma série de dúvidas em relação a sua aprendizagem.

A respeito da formação inicial do professor, deve-se afirmar que esta ainda é superficial, pois não se enxerga as reais necessidades, dificuldades e desafios em sala de aula e os questionamentos vivenciados pelos mesmos diante do comportamento do estudante com autismo e incluindo dentro desse contexto de entraves. Há algumas situações difíceis como a falta de colaboração da equipe gestora e pedagógica.

O educador reconhece os entraves que encontra na inclusão de estudantes com TEA ao se referir às limitações pedagógicas da escola, tendo a percepção do que acontece ao seu redor. Por essa razão, é pertinente trazer as queixas e indagações das professoras em questão:

- a) Falta de informação sobre o TEA;
- b) Necessidade de formação inicial e continuada;
- c) Ausência de práticas pedagógicas inclusivas;
- d) Professores de Atendimento Educacional Especializado (AEE) com formação específica para atuar nas SRM, embora tivemos o aceite de duas professoras que tem essa formação, isso não significa que todos os professores de AEE possuem as especializações necessárias;
- e) Sala de Recursos Multifuncionais contribui, no entanto, não é o suficiente para a inclusão do estudante, uma vez que não basta que apenas o professor do AEE tenha formação para atender aos alunos com deficiência que estão matriculados nas escolas;
- f) Auxílio de profissionais como cuidadores no apoio junto aos professores com discentes autistas em salas regulares, pois foi possível perceber a carência de profissionais nas escolas de Humaitá;
- g) Ausência de materiais didáticos adaptados para utilizar nas salas regulares;

Um dos dados alarmantes analisados refere-se ao grande índice de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) matriculados em escolas públicas de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental no município de Humaitá-Amazonas, gerando uma preocupação para as escolas, famílias, assistência social e órgãos responsáveis, já que essa problemática permeia a saúde neurológica, psicológica e carece de cuidados de vários setores: assistencial, educacional, familiar, escola e sociedade como um todo.

Partindo dessa verdade e da notoriedade das falas das educadoras desse estudo, faz-se necessário compreender o que é inclusão, o que a legislação aborda sobre a inclusão, qual o papel da escola frente a inclusão escolar e qual o papel do professor de AEE. Só assim se poderá buscar efetivar um ambiente incluso ao referido público.

Esperamos que esta investigação sirva para fomentar discussões sobre o TEA, alunos com deficiências incluídos nas escolas de Humaitá, dentre outras questões urgentes, como a formação inicial e continuada dos profissionais da Educação. Ao costurar os resultados obtidos, visualizamos a carência de pesquisas futuras, pois, certamente, o assunto não se esgota, pois é urgente conhecer mais para melhor acolher ao público da Educação Especial nas escolas.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Mariana Queiroz Orrico. **Estratégias de ensino e aprendizagem desenvolvidas com alunos com Transtorno do Espectro Autista na escola regular**: uma revisão integrativa da literatura. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2017.

BRASIL. **Declaração de Salamanca**. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais Secretaria de Educação Especial. MEC: Brasília. 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**- Brasília: MEC, SEB, 2017. Acesso: 04 jan. 2025.

_____. **Lei Nº 12.764/2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do Art. 98 da Lei Nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=Lei+Ordinacao&numero=12764&ano=2012>>.

gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=12764&ano=2012&ato=fffk3Yq1kMVpWT94d>.
Acesso em: 22 ago. 2023.

----- **Lei Nº 13.146/2015.** Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência): promulgada em 6 de julho de 2015/ obra coletiva de autoria do Ministério Público do Trabalho, Procuradoria Regional do Trabalho da 17ª Região, PCDLegal.- Vitória: Procuradoria Regional do Trabalho da 17ª Região, 2016. 60 p.; 21x28 cm. (Projeto PCDLegal).

BARBOSA, Raquel Lazzari Leite. **Formação de educadores:** desafios e perspectivas. São Paulo: UNESP, 2003.

BASSOTTO, Beatriz Catharina Messinger. **Escolarização e Inclusão:** narrativas de mães de filhos com transtorno do Espectro Autista, 128 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Universidade Caxias do Sul 2018. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/3901/Dissertação%20Beatriz%20Catharina%20Messinger%20Bassotto.pdf.sequence-y> Acesso em: 02 jun. 2020.

BIANCHI, R. C. **A educação de alunos com transtorno do espectro autista no ensino regular:** desafios e possibilidades. Franca: [s.n.], 2017. 126 p. Dissertação (Mestrado Profissional – Políticas Públicas) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/150651/bianchi-rc-mefran.pdf.sequence=3> Acesso em: 3 jul. 2020.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação:** uma introdução às teorias e aos métodos. Porto: Porto Editora, 2006.

CARDOZO, Paloma Rodrigues. **A Inclusão de alunos com TEA no Ensino Fundamental:** uma análise a partir da prática pedagógica na perspectiva do afeto. 2021. 116f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS. Orientadora: Profa. Dra. Andréia Mendes dos Santos, 2021.

CAVACO, N. **O profissional da educação:** uma abordagem sobre o autismo. Porto: Editorial novembro, 2009.

DIAS, Chiara Maria Seidel Luciano. **Indicadores Qualitativos na Escolarização de Estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Contexto da Educação Inclusiva.** 2021, 208f: il. Tese (doutorado em Educação em Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso, Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Cuiabá/MT, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e técnicas de pesquisa social**/ Antônio Carlos Gil.- 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins (Comp.). **História do Movimento Político das Pessoas com Deficiência no Brasil**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

LOBATO, Dnavia Miranda Neves. **Desafios para as práticas pedagógicas de professores para a inclusão no ensino regular de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)**. 2021, 113 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Humanidades) - Universidade Federal do Amazonas.

LOPES, Naiara de Oliveira Basílio. **Alguns apontamentos sobre a inclusão de estudantes com autismo em escola de ensino regular em Rondonópolis**. 2020, 146 f.; 30 cm. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2020.

MACÊDO, Maria Cláudia Gama Fialho. **Inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista (TEA): uma intervenção pedagógica e suas contribuições na formação docente**/Maria Cláudia Gama Fialho Macêdo-2024. 119f.

MAGALHÃES, Luciana de Oliveira Rocha. **A construção de práticas inclusivas no Ensino Fundamental I: a voz do professor**. Taubaté, Faculdade de Educação, UNITAU: 2016. Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2016.

MANTOAN, Maria Tereza Egler. **O desafio das diferenças nas escolas**. 4º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARTINS, Heloisa. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, maio/agosto. 2004, p. 289-300.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira: **Educação Especial no Brasil: História e Políticas Públicas**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MELLO, Ana Maria S. Ros de. **Autismo: Guia Prático**. 5. Ed. São Paulo: AMA: Brasília: 2007, 104 p: il.

MELLO, Ana Maria S. Ros de; Andrade, Maria América; Ho, Helena; Souza Dias de; **Retrato do autismo no Brasil**, 1º ed. São Paulo: AMA, 2013.

MENDONÇA, Maria de Fátima C.; SANTOS, Jusiany P. C.; Inclusão de alunos com TEA: desafios vivenciados por professores nos bastidores de uma sala de aula regular. **Revista Contribuciones a Las Ciencias Sociales**. São José dos Pinhais, v.17, n.9, p. 01-13, set,2024. DOI:10.55905/revconv.17n.9-157.ISSN: 1988 7833. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/10497/6322>. Acesso em: 24 out. 2024.

MENEZES, Adriana Rodrigues Saldanha. **Inclusão escolar de alunos com autismo: quem ensina e quem aprende**. Rio de Janeiro, UERJ, 2012. Dissertação- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, Basilio Lopes, Naiara de. **Alguns Apontamentos Sobre A Inclusão de Estudantes com Autismo em Escolas de Ensino Regular de Rondonópolis/** Naiara de Oliveira Basilio Lopes; - 2020. 146 f.; 30cm.

PRATES, Bernardo P.; *Ett all*. Formação dos Professores: Falhas e Possibilidades. **Revista CESUMAR** jul./dez. 2020, v. 25, n. 2, p. 397-413 DOI: 10.17765/1516-2664.2020v25n2p397-413. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revcesumar/article/download/7923/6498/51901>. Acesso em: 10 jan. 2025.

ROPOLI, Edilene Aparecida: **A Educação Especial na Perspectiva de Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva** / Edilene Aparecida Ropoli [et. al.] - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial: Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SANTOS, Jusiany Pereira da Cunha dos. História da Educação dos Surdos: Uma visão cultural sobre as diferenças. *In Ensino de ciências e humanidades: conectando vozes, lugares de fala e experiências inclusivas* / Organizadores: Jusiany Pereira da Cunha dos Santos, Welton de Araújo Prata. Itapiranga: Schreiben, 2024, p.11-26. Disponível em: <https://www.editoraschreiben.com/livros/ensino-de-ci%C3%A4ncias-e-humanidades%3A-conectando-vozes%2C-lugares-de-fala-e-experi%C3%A4ncias-inclusivas->. Acesso em: 07 jan. 2025.

SANTOS, Jusiany Pereira da Cunha. **Os Desafios da Formação Docente na Aprendizagem dos Alunos com Surdez da Rede Municipal de Ji-Paraná/RO**. 2014. 163f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Rondônia, Rondônia, 2014.

SANTOS, Jusiany Pereira da Cunha. **Relações entre ensino de Ciências e Matemática e minorias sociais na Amazônia**: Contribuições dos egressos da terceira turma da Reamec. 227f. Tese (doutorado em Educação em Ciências e Matemática) - Universidade Federal de Mato Grosso, Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, Cuiabá/MT, 2022.

SCHMIDT, Carlo. **Autismo, educação e transdisciplinaridade**. Carlo Schmidt, 2012, páginas: 236. Editora: Papirus Editora, Edição: 1º. Idioma: Português ISBN: 9788530811136. Disponível em: www.bvirtual.com.br. Acesso em: em 20 mar. 2024.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mundo Singular**. Entenda o autismo, Fontana, 2012.

SILVA, Élida Cristina Santos da. **A prática pedagógica na inclusão educacional de alunos com autismo**. Salvador: UFBA, 2011. Dissertação—Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

TIRADENTES, Regina Oliveira. **Políticas públicas educacionais inclusivas: a legitimidade da escolarização dos indivíduos com autismo nas escolas da SEDUC em Manaus**/Regina Oliveira Tiradentes. 2020, 123 f.; il. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Amazonas.

TORRES. Eliziane da Rocha; SANTOS, Jusiany Pereira da Cunha. Inclusão Escolar: Desafios e Práticas no ensino de Matemática para Alunos Autistas no Ensino Fundamental dos Anos Finais em Humaitá, Amazonas. *In: Ensino de Ciências e Humanidades: conectando saberes e práticas pedagógicas inclusivas*. Organizadoras: Jusiany Pereira da Cunha dos Santos, Marlene Schussler D'aroz. - Itapiranga: Schreibe, 2024. 120p.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA E AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E HUMANIDADES

1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(A) Sr(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa **“Vivências e Desafios para o Ensino de Discentes com TEA: Um Estudo em Duas Escolas no Município de Humaitá-AM.”** cuja pesquisadora responsável é Maria de Fátima Cruz de Mendonça, sob a orientação da Professora Dra. Jusiany Pereira da Cunha dos Santos.

Os objetivos do projeto são: Analisar os desafios para o ensino de discentes com TEA; Identificar em que medida as escolas estão estruturadas logística, técnica e pedagogicamente para atender os discentes com TEA; Descrever como os docentes atuam no atendimento de alunos com TEA, tanto na sala regular quanto no AEE; Apontar quais são os recursos utilizados ou adaptados pelos professores para melhor atender os alunos com TEA; Descrever como as famílias interagem com a escola em relação à aprendizagem dos estudantes autistas.

O(A) Sr(a) está sendo convidado pois atenderam aos critérios de participação, considerando que estão trabalhando na escola com o Ensino Fundamental; na qual possuem estudantes com TEA que estão matriculados e frequentando a sua sala de aula. Mas o (a) Sr(a). tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma para o tratamento que recebe neste serviço. Quanto à aplicação da entrevista semiestruturada e do questionário, poderão ser no local escolhido pelos participantes (ou na escola onde trabalha ou em sua residência), como o desejar.

Caso aceite participar, sua participação consiste em responder a entrevista e ao questionário contendo perguntas abertas e fechadas sobre sua formação,

desenvolvimento de suas atividades, atendimento e recursos disponíveis para atendimento de estudantes com TEA.

Esclarecemos aos senhores que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos para o(a) Sr.(a) são: desconforto moral, psíquico ou intelectual e não haverá riscos físicos. Entretanto, o desconforto que os professores poderão sentir é o de compartilhar informações pessoais, ao responder a entrevista e ao questionário, mas será explicado que, ao seu nome, será reservado o anonimato. Deverá responder às questões em que se sintam bem e seguros. No caso de qualquer desconforto que a pesquisa puder causar, o(a) Sr.(a) pode desistir a qualquer momento. Além disso, a realização desta pesquisa poderá ser suspensa/interrompida sem nenhuma penalização, se houver conflitos durante o processo.

No caso de se sentir prejudicado psicologicamente pela pesquisa, asseguramos que o/a acompanharemos a um serviço médico para viabilizar o atendimento necessário e arcaremos com todas as despesas com o profissional de saúde e todo o tratamento durante ou após a interrupção da pesquisa. O(A) participante poderá entrar com processo de indenização, diante dos eventuais danos comprovadamente decorrentes da pesquisa, caso desejar, conforme consta na Resolução Conselho Nacional de Saúde (CNS) Nº466 de 2012.

Destacamos que o registro de consentimento estará disponível a qualquer momento quando for solicitado, pelo participante.

Serão emitidas duas vias deste Registro de Consentimento Livre e Esclarecido. Uma via será entregue ao(à) Sr.(a), devidamente rubricada em todas as páginas e assinadas por você e pela pesquisadora responsável. Em seguida será enviada uma via deste termo para o seu e-mail e da pesquisadora.

Rubricas _____ (Participante)
 _____ (Pesquisador)

Esta pesquisa poderá apresentar benefícios para a Educação e atendimento de estudantes com TEA com novas informações em todo território brasileiro, em particular, no município de Humaitá-AM, acerca dos desafios vivenciados para o ensino de discentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Fundamental; além de promover reflexões acerca da importância de inserir a

pessoa com deficiência nas redes de ensino regulares, conforme as legislações pertinentes, além de contribuir para a divulgação do conhecimento acadêmico e científico pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

Garantimos ao(à) Sr(a) que o ressarcimento das despesas devido à sua participação na pesquisa, ainda que não previstas inicialmente, é garantido a indenização (cobertura material), em reparação a danos imediatos ou tardios, que comprometa o indivíduo ou a coletividade, sendo o dano de dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano e jamais será exigida dos participantes, sob qualquer argumento, renúncia ao direito à indenização por dano.

Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e, posteriormente, em divulgação científica.

O(A) Sr(a). pode entrar em contato com a pesquisadora responsável Maria de Fátima Cruz de Mendonça, pelo número de celular (97-981169301) e por e-mail (mcruzdemendonca@yahoo.com.br), R 5, n. 1421 Parque das Mangabeiras, Humaitá/Amazonas.

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) foi elaborado em duas vias, que deverão ser rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a) _____, ou por e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Humaitá/Amazonas, ____/____/____

Rubricas _____ (Participante)

_____ (Pesquisador)

2. ROTEIRO PARA ENTREVISTA

ROTEIRO DIRECIONADO AOS PROFESSORES QUE LECIONAM PARA ALUNOS COM TEA MATRICULADOS EM DUAS ESCOLAS DE HUMAITÁ/AM.

I - IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____
 Idade _____ Tempo de docência: _____
 Em que série atua: _____
 Há quanto tempo atende alunos com TEA: _____

Formação:

Graduação em:	Instituição:	Ano de Formação:
Especialização em:	Instituição:	Ano de Formação:
Mestrado em:	Instituição:	Ano de Formação:
Doutorado em:	Instituição:	Ano de Formação:

Já fez algum curso sobre Autismo, qual(ais): _____

O(s) curso(s) de formação que você participou foi proporcionado pela SEMED em parceria com alguma instituição? Ou foi com recursos próprios?

II – CONCEPÇÃO/DESAFIOS DOCENTE SOBRE O TEA

1. Fale sobre a sua experiência de trabalho acerca dos discentes com TEA.

2. Na sala de aula regular, de que maneira são trabalhadas as questões de interação social e comunicação? Quais recursos são utilizados para atender aos alunos com TEA?

3. A escola promove palestras educacionais sobre o autismo? Com que frequência? Todos do contexto escolar participam?

4. Há desafios ao receber um discente autista na sala de aula regular? Se sim, de que forma esses desafios são trabalhados?

5. Os gestores da escola, professores e coordenação pedagógica trabalham em equipe? De que maneira eles contribuem para o processo de aprendizagem dos discentes com TEA?

6. Existe um trabalho em parceria com os pais e/ou responsáveis dos alunos com TEA? Há alguma dificuldade nessa colaboração? Se sim, qual (is)?

7. Em sala de aula, de que maneira o professor trabalha acerca do comportamento do discente autista? Como você atua quando o seu aluno com TEA está em crise?

8. Quais são as principais adaptações curriculares e pedagógicas que você realiza para atender às necessidades individuais dos alunos com TEA?

9. Na sua opinião, o currículo deveria ter um olhar mais cuidadoso acerca da Educação Inclusiva, em especial sobre a inclusão de alunos com TEA?